

BALTASAR GRACIÁN

A ARTE DA
PRUDÊNCIA

BALTASAR GRACIÁN A ARTE DA PRUDÊNCIA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A ARTE DA PRUDÊNCIA

BALTASAR GRACIAN

Ao Leitor

Nem ao justo leis, nem ao sábio conselhos, mas ninguém soube que bastasse para si. Uma coisa me haverás de perdoar e outra agradecer: o chamar Oráculo este epítome de aforismos sobre o viver, pois o é no que tem de sentencioso e conciso; o oferecer-te de um rasgo todos os doze Graciáns, tão estimado cada um, que El discreto, tão logo publicado em Espanha, foi traduzido na França para a sua língua e impresso em sua Corte. Sirva este de memorial à razão no banquete de seus sábios, em que se registrem os pratos prudenciais que irão sendo servidos nas demais obras, para distribuir o gosto com gênio.

1. Tudo alcança a perfeição, e tornar-se uma verdadeira pessoa constitui a maior perfeição de todas

Fazer um sábio no presente exige mais do que se exigiu para fazer sete no passado. E atualmente é preciso mais habilidade para se lidar com um só homem do que antigamente com todo um povo.

2. Caráter e Inteligência

São os pólos que fazem luzir os predicados. Um sem a outra é apenas meia felicidade. Não basta ser inteligente; é preciso também ter o caráter apropriado. O tolo fracassa por desconsiderar sua condição, posição, origem, amizades.

3. Manter o suspense

O êxito inesperado ganha admiração. O que é obvio não é nem inútil, nem de bom gosto. Não se declarar de imediato atija a curiosidade, em especial se a posição é importante o bastante para causar expectativas. O ministério, por sua característica arcana, provoca a veneração. Mesmo ao se revelar, evita a franqueza total e não permite que todos venham a franquear o seu íntimo. É no silêncio cauteloso que a sensatez se refugia. As decisões, uma vez declaradas, nunca granjeiam estima e expõem à censura. Se desacertadas, estará duplamente desgraçado. Se quiser atenção e desvelo, imite a divindade.

4. Conhecimento e coragem se alternam na grandeza

Sendo imortais, imortalizam. Você é um tanto quanto sabe, e se for sábio é capaz de tudo. Homem sem saber, mundo às escuras. Discernimento e força; olhos e mãos. Sem valor, a sabedoria é estéril.

5. Criar dependência

Faz-se um deus não adorando a estátua, mas adorando-a. O sagaz prefere necessitados de si do que agradecidos. A gratidão vulgar vale menos do que a esperança cortês, pois a esperança tem boa memória e a gratidão é esquecida. Obtém mais da dependência que da cortesia. Quem já matou a sede dá as costas à fonte, e a laranja espremida passa de ouro a lodo. Finda a dependências, desaparecem as boas maneiras, bem como estima. A lição mais importante que a experiência ensina é conservar a dependência, e nutri-la sem satisfazê-la, mesmo diante de um rei. Mas não chegue a extremos, calando para que os outros errem ou tornando o mal incurável em proveito próprio.

6. Alcançar a perfeição

Ninguém nasce perfeito. Deve se aperfeiçoar dia a dia, tanto o pessoal quanto profissionalmente, até se realizar por completo, repleto de dotes e de qualidades. Será reconhecido pelo requintado gosto, inteligência aguda, intenção clara, discernimento maduro. Alguns nunca se realizam, falta-lhes sempre alguma coisa. Outros requerem um longo tempo para se forma. O homem completo -

sábio de expressão, prudente nas ações-é aceito, e até desejado para privar do seletivo grupo dos discretos.

7. Não eclipsar o patrão

Toda derrota provoca ódio, e superar o chefe tanto é tolo quanto fatal. A supremacia é sempre detestada, em especial pelos supervisores. O sábio deve ocultar as vantagens comuns, assim como se disfarça a beleza com um toque de desalinho. A muitos não incomoda ser superado em riqueza, caráter ou temperamento, mas ninguém, em especial um soberano, gosta que lhe excedam em inteligência. Trata-se, afinal, do maior dos atributos, e qualquer crime contra ele constitui lesa- majestade. Os soberanos querem sê-lo no que é mais importante. Os príncipes gostam de ser ajudados, mas não sobrepujados. Ao aconselhá-los, faça-o como se os lembrasse de algo esquecido, não como se acendesse a luz que ele é incapaz de ver. Os astros nos ensinam tal sutileza. São filhos e brilhantes, mas nunca rivalizam com o sol.

8. Não ceder a paixões: a qualidade espiritual mais elevada.

Que sua superioridade o redima de impressões comuns, passageiras. Não há maestria maior que o domínio sobre si próprio e as paixões: é o triunfo do livre- arbítrio. A paixão pode até afetá-lo, mas não permita que afete sua posição, muito menos se esta for importante. Trata-se de uma maneira sensata de evitar problemas e um caminho mais curto para se obter a estima dos outros.

9. Desmentir os defeitos de seu país.

A água absorve as boas e más qualidades dos leitões que percorre; os homens partilham as da região em que nascem. Alguns devem mais que outros a seu país ou cidade natal, pois nasceram sob céus auspiciosos. Nenhum país, nem mesmo o mais oculto, deixa de ter um defeito peculiar, e tais fraquezas servem de defesa ou consolo às nações vizinhas. É vitoriosa destreza corrigir, ou ao menos ocultar, tais falhas. Agindo assim, você será reverenciado como único entre seu povo; pois o menos esperado é o mais valorizado. Outros defeitos têm como causa a linguagem, a condição, a ocupação e a idade. Todos esses defeitos, quando coincidem num único sujeito e não se toma nenhum cuidado para preveni-lo e corrigi-los, produzem um monstro insuportável.

10. Fama e fortuna

O que uma tem de inconstante, a outra, de firme. A última nos ajuda a viver, a primeira nos ajuda mais tarde mais tarde. A fortuna contra a inveja, a fama contra esquecimento. Podemos desejar a fortuna, e às vezes nutri-la com nossos esforços, mas toda fama exige trabalho constante. O desejo de reputação nasce da virtude, a fama foi e é irmã de gigantes. Anda sempre pelos extremos: monstros ou prodígios, vitupérios e elogios.

11. Associar-se àqueles com quem pode aprender

Seja o convívio amigável uma escola de erudição e torne a conversação instrutiva. Faça dos amigos professores e combine a utilidade da aprendizagem com o gosto da conversa. Alterne a fruição com a instrução. O que você diz será recompensado com aplausos; o que ouve, com aprendizados.

O que nos leva aos outros, em geral, é a nossa própria conveniência; aqui ela tem um sentido maior. Os prudentes freqüentam as casas de renomados heróis que são mais palcos de heroísmo que palácios de futilidade. Alguns são notáveis pelos conhecimentos e bom senso; pelo exemplo e pelo modo de agir, são oráculos de toda grandeza. Aqueles que os cercam formam uma academia refinada de discrição e sabedoria elegantes.

12. Natureza e arte, matéria e obra

Toda beleza requer ajuda. A perfeição se transforma em barbárie quando não é enobrecida pelo artifício. O artifício resgata o mau e aperfeiçoa o bom. A natureza costuma nos deixar quando mais precisamos dela; recorramos à arte. Sem ela o melhor talento é grosseiro, e, sem cultura, as qualidades ficam pela metade. Sem artifício, o homem parece bruto e rude. A perfeição exige polimento.

13. Agir com intenções: seja segunda ou primeira

A vida do homem consiste numa milícia contra a malícia do homem. A astúcia luta com estratégias de intenção. Nunca faz o que indica. Aponta para enganar, golpeia indiferente no ar e desfere o golpe, atuando sobre a realidade imprevista com dissimulação atenta. A fim de conquistar atenção e a confiança dos outros, deixa transparecer um intento. Logo em seguida, porém, muda de posição e vence pela surpresa.

A inteligência perspicaz previne-se da astúcia observando-a detidamente, espreita-a com cuidado, entende o oposto do que a astúcia quis que compreendesse e percebe de imediato as falsas intenções. A inteligência ignora a primeira intenção, aguardando a

segunda, e até a terceira. A simulação cresce mais ainda ao ver seu truque descoberto e tenta enganar contando a verdade. Muda de jogo, engana com a aparente falta de malícia. Sua astúcia se baseia na maior franqueza. Mas a observação se adianta, discernindo através de tudo isso percebendo as sombras envoltas em luz. Decifra a intenção, que mais parece singela. Assim é a luta da astúcia de Pitão (a gigantesca serpente aniquilada por Apolo ao pé do monte Parnarso) contra a franqueza dos penetrantes raios de Apolo.

14. Realidade e também modos.

Não basta a substância, é necessária também a circunstância. O mau jeito estraga tudo, inclusive o que é justo e razoável. Já a maneira correta repara tudo: abranda uma negação, adoça a verdade e até faz a velhice parecer bonita. O como das coisas é muito importante, e um comportamento correto conquista a afeição dos outros. O bel portarse é algo precioso na vida. Fale e comporte-se bem, e promoverá seu sucesso.

15. Cercar-se de auxiliares competentes.

Os poderosos são felizes quando cercados de valentes de notável entendimento, capazes de livrá-los das enrascadas em que foram colocadas pela própria ignorância, e de tomarem seu lugar contra as dificuldades. Saber utilizar os sábios constitui uma qualidade única: melhor do que escravizar os reis, como fazia Tigrano. É uma nova maneira de dominar os outros no que tange o melhor da vida: transformar com arte em servidores aqueles que a natureza fez superiores. Temos poço para viver e muito para saber. Requer uma habilidade notável estudar e aprender sem esforço; estudar muito por meio de muitos, e saber mais que todos eles

juntos. Faça-o, e falará por muitos em qualquer reunião. Falará por tantos sábios quantos o precederam, e ganhará fama como oráculo graças ao suor dos outros. Escolha um tema e permita às cabeças que o rodeiam proporcionar-lhe um conhecimento concentrado. Se não pode fazer do conhecimento seu servo, torne-o seu amigo.

16. Conhecimento e intenções nobres.

Garantem a fecundidade do seu sucesso. Quando o bom entendimento se une com a má intenção, não se tem um matrimônio, mas uma violação monstruosa. A intenção maligna envenena as melhores qualidades. Auxiliada pelo conhecimento, corrompe com maior sutileza. Infeliz a excelência que se entrega à maldade! Conhecimento sem com senso significa loucura em dobro.

17. Variar o modo de agir.

Isso vai confundir os outros, em especial seus rivais, despertando-lhes a curiosidade e a atenção. Se agir sempre de acordo com a primeira intenção, sue agir será previsível e frustrado. É fácil abater o pássaro que voa em linha reta, mas não aquele que altera seu vôo. Não aja sempre conforme a segunda intenção, tampouco; repita seu agir, e os outros descobrirão a artimanha. A malícia fica à espreita, é preciso uma grande sutileza para enganá-la. O jogador perfeito nunca move a peça que se espera, e muito menos a peça que seu adversário desejaria.

18. Esforço e talento.

Não há superioridade sem essas duas qualidades. Havendo ambas, a superioridade supera a si mesma. A mediocridade com o

esforço consegue mais do que os superiores que não o fazem. O trabalho dignifica. Com ele, adquire-se reputação. Alguns são incapazes de se aplicar mesmo às tarefas mais simples. O esforço depende quase sempre do temperamento. É aceitável ser medíocre num trabalho sem importância: há a desculpa de que fomos talhados para coisas nobres. Porém contentar-se em ser medíocre numa tarefa inferior, podendo ser excelente na mais elevada, não tem desculpa. Tanto a arte quanto a natureza são necessárias, e a aplicação as consagra.

19. Não despertar expectativas.

Aquilo que é muito celebrado raramente preenche a grande expectativa. Nunca o real pode alcançar o imaginado, porque devanear perfeições é fácil, difícil é consegui-las. O casamento da imaginação com o desejo concebe as coisas sempre muito melhores do que elas são de fato. Por maior que seja a capacidade, ela nunca será suficiente para satisfazer o preestabelecido, e aqueles que foram enganados pela expectativa exagerada são levados mais rapidamente à decepção do que à admiração. A esperança é uma grande falsária da verdade; o bom senso deve corrigi-la, procurando que a fruição seja maior que o desejo. Certa dose de crédito inicial deve servir para despertar a curiosidade, não para emprenhar p objeto. É muito melhor quando a realidade supera as expectativas, e algo se revela melhor do que imaginamos a principio. Essa regra não vale para coisas ruins: quando se exagera um mal, ao conhecer a realidade, aplaude-se. O que se temia como desastroso chega a parecer tolerável.

20. Nascer na época certa.

Os sujeitos de qualidades extraordinárias dependem do tempo em que vivemos. Nem todos tiveram a época que mereciam, e muitos que tiveram não souberam aproveitá-la. Alguns mereceram tempos melhores, pois nem tudo o que é bom triunfa sempre. Todas as coisas têm suas estações, até os valores estão sujeitos à moda. Mas o sábio tem uma vantagem: é eterno. Se este não é seu século, muitos outros serão.

21. Regra para ter sorte.

A sorte tem suas regras, e para os sábios ela não é tão cega. A sorte conta com a ajuda do esforço. Alguns se contentam em se colocar confiantes à porta da deusa, esperando que ela aja. Outros são mais sensatos, e vão além com uma audácia cautelosa. Amparada pela coragem e pela virtude, a audácia espreita a sorte e a adula com determinação. Quem pensar direito, porém, terá eficazmente um único plano de ação: virtude e prudência; pois a sorte e o azar se acham na prudência ou na precipitação.

22. Manter-se bem informado.

As pessoas inteligentes se armam com munição de saber requintado; um saber prático e atualizado; mais informativo do que vulgar. Possuir uma dose temperada de ditos espirituosos e de feitos galantes para os utilizar no momento oportuno. Às vezes, o que é dito brincando instrui melhor que a serenidade. Para alguns, o conhecimento obtido através de uma conversa foi mais valioso do que todas as sete artes, não importando quanto sejam liberais.

23. Não ter nenhuma imperfeição.

Poucos são os que vivem sem alguma falha moral ou defeito natural, ao qual se entregam quando seria fácil deles se livrar. A prudência alheia vê com pesar um talento sublime, universal, obscurecido por um pequeno defeito: uma única nuvem eclipsa o Sol. Os defeitos são máculas no rosto da reputação, e a malevolência as percebe rapidamente. Requer uma grande habilidade transformá-las em brilhos. Desta maneira César soube laurear seu defeito.

24. Temperar a imaginação.

Devemos ora refreá-la, ora estimulá-la. Toda felicidade depende da imaginação, e esta deveria ser orientada pelo bom senso. Às vezes, ela se comporta como um tirano. Não lhe bastando especular, toma conta de nossa vida, a qual se torna agradável ou desagradável, tornando-nos infelizes ou satisfeitos demais conosco mesmo. A alguns causa só desgosto, pois a imaginação é um algoz dos tolos. A outros promete felicidade e aventura, alegria e vertigem. Ela pode fazer tudo isso, se não for temperada pela prudência e pelo bom senso.

25. O bom entendedor.

Saber argumentar foi outrora tido como a suprema arte.

Hoje não basta. Temos de adivinhar, sobretudo nas questões que podem nos enganar. Não pode ser entendido aquele que não é bom entendedor. Há videntes do coração e lince das intenções. As verdades mais importantes exprimem sempre por meias palavras; só os atentos as compreendem totalmente. Nos assuntos que parecem favoráveis, puxe as rédeas de credulidade. Nos odiosos, use as esporas.

26. Descobrir o ponto fraco de cada um.

A arte de influenciar a vontade dos outros envolve mais habilidade que determinação. É preciso saber qual a porta de acesso. Cada vontade tem seu foco de interesse; varia de acordo com o gosto. Todos são ídólatras: uns da estima, outros do dinheiro, e a maioria do prazer. A manha consiste em identificar os ídolos capazes de motivar indivíduos. É como possuir a chave do querer alheio. É preciso atingir a motivação básica, quem nem sempre consiste em algo elevado e importante. A maioria das vezes é mesmo muito baixo, porque no mundo existem mais desodernados do que disciplinados. Primeiramente, avalie a índole; então toque no ponto fraco.

Tente-o com objetivo de sua afeição e infalivelmente dará xeque mate no seu arbítrio.

27. Melhor ser intensivo que extensivo.

A perfeição não está na quantidade, mas na qualidade. As coisas muito boas sempre foram poucas e raras; a abundância traz desvalorização. Mesmo entre os homens, geralmente os gigantes são os verdadeiros anões. Alguns elogiam os livros por seu volume, como se fossem escritos para exercitar os braços, e não a cabeça. A extensão por si só nunca nos leva além da mediocridade, e a sina dos homens universais pelo desejo de tudo entenderem é não serem versados em nada. A intensidade leva à excelência, e em assuntos de grande importância é heróica.

28. Não ser vulgar em nada.

Sobretudo no gosto. Sábio é aquele que fica descontente quando as coisas agradam a muitos! As pessoas sensatas nunca se satisfazem com aplausos comuns. Alguns são tão camaleões da popularidade que preferem o sopro vulgar da multidão do que as suavíssimas brisas de Apolo. Também não seja vulgar no discernimento. Não aprecie os milagres do vulgo, pois não passam de charlatanismo. A multidão se encanta com a tolice e não presta qualquer atenção a um bom conselheiro.

29. Integridade e firmeza.

Esteja sempre do lado da razão, e com tal firmeza de propósito que nem a paixão comum, nem a tirania o desviem dela. Mas onde está essa fênix de equidade? Poucos cultivam a integridade. Muitos a louvam, mas poucas a visitam. Alguns a seguem até que a situação se torne perigosa. Em perigo, os falsos a renegam e os políticos a simulam. Ela não teme contrair a amizade, o poder e mesmo o seu próprio bem, e é nessa hora que é repudiada. Os astutos elaboram sofismas sutis e falam de louváveis motivos superiores ou de razão de Estado. Mas o homem realmente leal considera a dissimulação uma espécie de traição e preza mais firme do que o ser sagaz e se encontra sempre do lado da verdade. Se diverge aos outros, não é devido à sua inconstância, mas porque os outros abandonaram a verdade.

30. Não se dedicar a coisas sem reputação.

Muitos menos às quiméricas, que trazem mais desprezo que estima. O capricho fundou muitas seitas, e o sensato deve fugir de todas elas. Há gostos extravagantes que abraçam tudo o que os sábios repudiam. Satisfazem-se com todo tipo de singularidade e , embora isso se torne conhecidos, obtêm com mais freqüência o riso

que o respeito. Mesmo ao buscar a sabedoria, os prudentes devem evitar a afetação e a atenção pública, em especial nas questões em que podem se expor ao ridículo. Também de nada adianta nomear tais questões: o desprezo geral já conhece todas.

31. Conhecer os afortunados a fim de escolhê-los, e os desafortunados a fim de evitá-los.

A infelicidade costuma ser apanágio da estupidez, e entre os párias nada é tão contagioso. Nunca abra a porta para o menor dos males, pois muitos outros, maiores, espreitam lá fora. O segredo do jogo é saber descartar. A pior carta do trunfo da mão é mais importante do que a melhor carta da mão perdedora que você acabou de apostar. Na dúvida, é bom se acercar dos sábios e dos prudentes. Mais cedo ou mais tarde eles encontrarão a ventura.

32. Torna-se conhecido por agradar aos outros

Especialmente se são seus subalternos. É útil aos soberanos obter as boas graças de todos. A única vantagem do poder fazer o bem mais do que qualquer outro. Aqueles que são amigos fazem amizades. Outros, ao contrário, decidem ser desatenciosos, não porque é trabalhoso, mas só por maldade. Opondo-se em tudo à divina comunicabilidade.

33. Saber esquivar-se.

Uma das maiores regras da vida consiste em saber negar, e é ainda mais importante recusar tanto certas tarefas quanto aos

outros. Existem certas atividades inconvenientes -traças do tempo precioso- , e ocupar-se com o descabido é pior do que não fazer nada. Para ser prudente, não basta não se intrometer nos assuntos alheios: é preciso também impedir os outros de se intrometer nos seus. Não se dê aos outros a ponto de não poder mais se dar a si mesmo. Não abuse de seus amigos, nem lhes peça mais do que concederiam por si. Todo excesso constitui um vício, principalmente no trato com os outros. Com esta prudente moderação, você permanecerá nas boas graças dos outros e conservará seu preciosíssimo respeito. Mantenha, pois a liberdade de escolher aquilo que prefere e nunca atente contra o seu próprio bom gosto.

34. Conhecer seu principal atributo.

Seu dom de destaque. Cultive-o e incentive os demais. Todos alcançariam a excelência em alguma coisa se conhecessem sua qualidade dominante. Identifique o rei dos seus atributos e se dedique a ele com afianço. Alguns se destacam com discernimento e outros, na coragem. Os demais violentam a sua aptidão e não alcançam a superioridade em nada. Deixem-se cegar a lisonjear pelas paixões até que - tarde- demais!- o tempo as desminta.

35. Considerar as questões com cuidado.

A refletir mais sobre aquelas que mais importam, Os tolos se perdem por não pensar. Nunca enxergam nem a metade das coisas, e, por não perceberem nem suas vantagens, nem seu prejuízo, empregam mal o seu esforço. Alguns ponderam às avessas, prestando muita atenção ao que importa pouco, e pouca atenção ao que importa muito. Muitos nunca perdem a cabeça por não terem cabeça para perder. Há certas coisas que devemos considerar com todo cuidado e manter nas profundezas da mente. Os sábios

analisam tudo: mergulham nos temas especialmente profundos ou duvidosos, às vezes cogitando que há mais do que lhes ocorre. Fazem com que a reflexão avance além da percepção.

36. Avaliar sorte.

Para poder agir e para se empenhar. É bobagem alguém de quarenta anos pedir saúde a Hipócrates, e bobagem ainda maior pedir prudência a Sêneca. Reger a sorte é uma arte, seja esperando-a - pois ela às vezes não se apressa-, seja aproveitando-se dela quando é oportuna, embora nunca vá entender totalmente o seu proceder bizarro. Se a sorte a tem favorecido, prossiga com ousadia, uma vez que ela adora os ousados e, como uma mulher deslumbrante, os jovens. Se é um azarado, abstenha-se de agir. Retire-se e evite de falhar duas vezes. Se a dominou, você deu um grande passo à frente.

37. Identificar e saber usar a insinuação.

É o ponto mais sutil do convívio humano. Pode ser usada para sondar os ânimos e perscrutar discretamente o coração. Há a insinuação maliciosa, agressiva, tingida com as ervas da inveja, untada com o veneno da paixão: um relâmpago invisível capaz de nos tirar toda a graça e a estima. Muitos perderam o convívio superior e inferior, devido a uma única palavra; há insinuações que, por serem favoráveis, agem ao contrário, sustentando

38. Deixar o jogo enquanto estiver ganhando.

Os melhores jogadores fazem isso. Uma retirada elegante é tão importante quanto um ataque de estilo. Ponha a salvo seus

sucessores, tão logo forem suficientes, quando forem muitos. Uma boa sorte continuada é sempre suspeita. É mais seguro quando a sorte é alternante, o que, além disso, possibilita que se desfrute um prazer agridoce. Quanto maior a sorte, maiores são as chances que se tem de um deslize estragar tudo. Às vezes, a dona da sorte nos recompensa, trocando a curta duração pela intensidade de seus favores. Ela se cansa quando tem de carregar alguém nas costas por muito tempo.

39. Saber reconhecer o ponto de maturação no tempo certo e tirar proveito disso.

Todas as obras da natureza atingem seu ponto de perfeição. Até chegar ao ápice, enriquecem; daí em diante mínguam. Raras são as obras de arte que não podem ser aprimoradas. É próprio do bom gosto saber usufruir cada coisa quando atinge a perfeição. Nem todos podem, e nem todos os que podem sabem como. Mesmo os frutos do intelecto alcançam o ponto perfeito da maturação. Mas é preciso saber reconhecê-lo, para poder valorizá-lo e tirar proveito dele.

40. Ter a simpatia dos outros.

É ótimo conquistar a admiração geral, mas melhor ainda é conquistar a afeição. Depende-se, em parte, da sorte, o resto é esforço. Começa-se com aquela e continua-se com este. Não basta a excelência dos dotes, embora se suponha com freqüência que é mais fácil ganhar afeto depois ganhar a estima. A benevolência depende da beneficência. Pratique todo tipo de bem: boas palavras e ações ainda melhores. Ame, para ser amado. É com a cortesia que os grandes cativam os outros. Estenda primeiro a mão aos

feitos e depois à pena. Da espada às letras, pois há também a simpatia dos escritores, e esta é eterna.

41. Nunca exagerar.

Não é sensato usar superlativos. Ofendem a verdade e desabonam seu discernimento. Ao exagerar, desperdiçamos nossos elogios e mostramos limitação de conhecimento e gosto. O louvor desperta a curiosidade, atíça o desejo e, mais tarde, quando se percebe que os bens foram superestimados, como acontece muitas vezes, a esperança traída vinga-se menosprezado o elogiado e aquele que elogiou. Os cautos têm comedimento, preferindo pecar pouco a muito. Raras são as eminências, portanto tempere sua apreciação. A ênfase é uma forma de mentir. Pode arruinar nossa reputação de bom gosto e, ainda pior, de sabedoria.

42. Autoridade nata.

É de uma força superior, secreta. Não deve emanar de artificialismo enfadonho, mas de um domínio natural. Todos se submetem a Ella sem saber por quê, reconhecendo o secreto vigor da autoridade Nara. Tais pessoas têm um caráter altivo: reis por mérito, leões por direito natural. Cativam o respeito, o coração e até a mente dos outros. Quando abençoados com outros dons, nascem para ser excelentes políticos. São capazes de realizar mais com uma insinuação do que outros com prolixidade.

43. Sentir como poucos e falar como muitos.

Remar contra a corrente não desfaz enganos e é extremamente perigoso. Só um Sócrates pode tentar. O discordar é

tomado como insulto, pois condena a opinião alheia. Muitos se ofendem em consideração àquele que foi censurado e àqueles que o aplaudiram. A verdade pertence a poucos. O engano é tão comum quanto vulgar. Nunca se conhecem os sábios pelo que dizem em publico. Eles não falam com a própria voz, mas com a da tolice comum, por mais que dela discordem no intimo. O sensato evita tanto ser contrariado quanto contrariar os outros. Pode ser rápido censurar, mas deve ser lento para tornar pública a censura. Os sentimentos são livres; não podem e não devem ser violados. O homem prudente busca refúgio no seu sagrado silêncio, e se mostra a poucos e cordatos.

44. Tratar com simpatia os grandes homens.

O herói se combina com heróis. Tal capacidade, chamada simpatia, constitui uma maravilha da natureza, por ser tão misteriosa quanto benéfica. Existe afinidade de coração e de temperamento, e os efeitos da simpatia se parecem com os que o vulgo atribui às poções mágicas. Essa simpatia, além de nos ajudar a ganhar estima, faz com que os outros se inclinem para nós, granjeando rapidamente sua boa vontade. Persuade sem palavras, conquista sem mérito. Existe a simpatia ativa e a passiva, e ambas operam maravilhas quando ornadas de qualidades sublimes, Requer grande habilidade conhecê-las, distingui-las e tirar proveito delas. Não há esforço que baste se não houver tal privilégio misterioso.

45. Usa, mas não abusar das intenções ocultas.

E acima de tudo, não as revelar. Todo artifício deve ser disfarçado, pois desperta suspeita, em especial as intenções ocultas, que são odiosas. O engano é comum, portanto previna-se.

Mas esconda sua cautela dos outros, para que não percam a confiança. Uma vez patente, a cautela ofende os outros e induz vingança, despertando males não imaginados. Agir refletidamente nos dá uma grande vantagem. Nada proporciona mais alimento para o pensamento. A maior perfeição de uma ação depende da maestria com que a executamos.

46. Moderar a antipatia.

Odiamos gratuitamente alguém, mesmo antes de conhecê-los as qualidades. E às vezes tal aversão espontânea se volta para os homens eminentes. Que a prudência a controle: não há maior descrédito do que detestar os superiores. Tanto é vantajoso tratar com simpatia os heróis, quanto desonroso tratá-los com antipatia.

47. Não se envolver em complicações.

Eis uma das primordiais preocupações da prudência. É longo o caminho a percorrer de um extremo a outro, e os prudentes permanecem na área central da sensatez. É decisão amadurecida romper tal estado, pois é mais fácil tirar o corpo do perigo do que sair-se bem dele. As situações perigosas colocam nosso bom senso na berlinda, e é mais seguro evitá-las por completo. Uma complicação traz outra maior, conduzindo-nos à beira do desastre.

Alguns são precipitados, por temperamento ou por nacionalidade, e é com rapidez que se envolvem em situações perigosas. Mas aquele que caminha à luz da razão avalia a situação e percebe que há mais valor em evitar o perigo do que em vencê-lo. Vendo que já existe um tolo imprudente, evita ser-lhe segundo.

48. Está mais próximo de se tornar uma verdadeira pessoa aquele que tem profundidade.

O interior é até mais importante do que o exterior. Alguns sujeitos são fachada só, a exemplo de uma casa inacabada por falta de dinheiro. Apresentam a entrada de um palácio, mas o interior de choça. Tais sujeitos não lhe oferecem um lugar onde parar, embora estejam sempre em repouso, pois, concluídas as primeiras saudações, a conversa se acaba. Pavoneiam-se durante as cortesias iniciais como cavalos sicilianos, mas logo param em silêncio.

49. Homem criterioso e observador.

Domina as coisas e não deixa que as coisas o dominem. Sonda as maiores profundezas e disseca os problemas com perfeição anatômica. Só de ver alguém, já o compreende e avalia sua essência. Possui grande poder de observação, decifra mesmo o que se acha oculto. Observa com argúcia, concebe sagazmente, argumenta sabiamente: não há nada que não possa descobrir, notar, aprender, entender.

50. Nunca perder o respeito de si mesmo.

Nem condescender demais consigo próprio. Que sua integridade eja diretriz da sua retidão. Deva mais à severidade de seu próprio julgamento do que a todos os preceitos externos. Evite o indecoroso, não devido ao julgamento severo dos outros, mas em respeito à sua sensatez. Chegue a temer a si mesmo e não necessitará como perceptor imaginário de Sêneca.

51. Saber escolher.

Quase tudo na vida depende disso. São preciosos bom gosto e julgamento agudo; inteligência e capacidade não bastam. Não existe perfeição sem discernimento e seleção. Então envolvidos dois talentos: escolher e escolher o melhor. Muitos de inteligência fértil e arguta, julgamento rigoroso, instruídos e bem informados se perdem na hora de escolher. Sempre escolhem o pior. Como se fizessem questão de errar. Saber escolher constitui uma das maiores dádivas celestes.

52. Nunca perder o controle.

Grande ênfase deve pôr a prudência em não perder o controle. Assim se portam os grandes homens, pois a magnitude dificilmente se abala. As paixões são os humores da alma, e qualquer excesso indis põe a prudência. Se a moléstia sai pela boca, sua reputação estará em perigo. Tendo completo domínio de si próprio na prosperidade como na adversidade, ninguém irá censurá-lo, mas admirá-lo.

53. Diligência e inteligência.

A diligência executa com presteza aquilo que a inteligência planejou. É paixão dos tolos a pressa: como não descobrem o fundamental, agem afobadamente.

Os sábios, ao contrário, costumam pecar por hesitação, pois é da previsão que nasce o preparo.

Os tolos não param ante nada, os sábios, ante tudo. Às vezes, as coisas são julgadas corretamente, mas não acabam em erro por ineficiência e negligência. A presteza é a mãe da sorte. Muito faz

que não deixar nada para o dia seguinte. Um lema grandioso: apressar-se devagar.

54. Ousar com prudência.

Até as lebres puxam a juba de um leão morto. Não se brinca com a coragem. Se ceder uma vez, acabará cedendo de novo e sempre. Será preciso vencer mais tarde, e teria sido melhor se impor no início. O brio da alma é mais ousado que o corpo. É como a espada: deve permanecer embainhada na prudência, pronta para a ocasião. É a defesa da pessoa. Um espírito fraco prejudica mais do que um corpo fraco. Muitos tiveram predicados excelentes, mas por lhe faltar este alento do coração, pareceram mortos, e foram sepultados em sua frouxidão. Não foi sem intenção que a engenhosa natureza uniu a doçura do mel ao ferrão da abelha. No corpo há tantos nervos quanto ossos: não permita ao espírito se só brandura.

55. Saber esperar.

É prova de um grande coração quando se têm grandes reservas de paciência. Nunca se afobe ou nunca dê vazão às emoções. Domine-se e dominará aos outros. Vagueie pelas vastas dimensões do tempo rumo ao centro da oportunidade. A hesitação sábia tempera os acertos e amadurece os segredos. A muleta do tempo é mais poderosa que a clava de aço de Hércules. O próprio Deus não castiga com as mãos de ferro, mas com os pés de chumbo. Um maravilhoso ditado: "O tempo e eu enfrentamos quaisquer outros dois". A sorte dá recompensas maiores àqueles que esperam.

56. Ter bons repentis.

Eles nascem de uma feliz presença de espírito; graças à sua vivacidade, não há apuros, nem acasos incômodos. Alguns pensam muito e fazem tudo errado, enquanto outros fazem tudo certo sem antes ter pensado. Alguns têm reservas de antiperístase? As dificuldades revelam melhor deles. Trata-se de monstros que prosperam com a improvisação e erram sempre que pensam em algo. O que não lhes ocorre de imediato jamais lhe ocorrerá, e de nada adianta pensar depois. A rapidez arranca aplausos, pois revela uma capacidade prodigiosa: argúcia no pensamento, prudência nos atos.

57. Ponderação traz segurança.

O que tiver bem feito, o terá feito com rapidez adequada. O que se faz de imediato logo se desfaz, mas o que deve durar uma eternidade também leva muito tempo para ser feito. Só a perfeição tem valor, e só o certo pendura.

A profunda compreensão logra verdades imortais. O que muito vale muito custa. E assim é com os metais: o mais precioso deles demora mais para ser fundido, e pesa mais.

58. Saber dosar.

Não se deve mostrar a mesma Inteligência a todos, nem dedicar às coisas mais esforço do que o necessário. Não desperdice seu saber e energia. O bom falcoeiro usa apenas os pássaros que a caça exige. Não se exiba todo o dia, pois em breve não causará admiração. É preciso sempre deixar uma novidade reservada. Aquele que mostra um pouco a cada dia mantém as expectativas, e os limites do seu cabedal não são desvendados.

59. Concluir bem.

Na casa da sorte, quem entra pela porta do prazer sai pela porta do pesar, e vice - versa. Cuide mais do desfecho das coisas, e dê mais atenção a uma boa saída do que a uma entrada bastante aplaudida. É freqüente que os desafortunados tenham início muitos favoráveis e fins muitos trágicos. O que importa não são os aplausos na entrada- porque isso é comum- , mas fazer falta ao partir. Raros são os que continuam sendo desejados, e raras vezes a sorte acompanha alguém até a saída. Ela tanto é cortês com os que chegam como rude com os que partem.

60. Bom senso.

Alguns nascem prudentes. Já começam com uma vantagem: a sindérese inata na sabedoria- meio caminho andado para o sucesso. Com a idade e a experiência, a razão lhes amadurece e o discernimento alcança o equilíbrio. Detestam todo tipo de capricho capaz de atentar contra a prudência, principalmente nos assunto de Estado, onde é de suma importância a segurança. Estes merecem participar do governo, tanto como timoneiros como conselheiros.

61. Superioridade no que é mais importante.

Entre os diversos tipos de perfeição, trata-se de algo raro. Não há quem seja grande sem alguma qualidade sublime. A mediocridade nunca merece aplausos. A superioridade em um empreendimento relevante nos tira do anonimato e nos coloca em destaque. Ser superior numa ocupação humilde é ser algo em muito pouco: quanto mais fácil, menos glória. Ser excepcional em coisas

superiores nos proporciona um caráter altivo: granjeia admiração e conquista a boa vontade dos outros.

62. Usar os melhores instrumentos.

Há quem se faça por sabido por usar instrumentos inferiores. Perigosa satisfação que merece um castigo fatal! O valor de um ministro nunca obscureceu o brilho de seu amo. Ao contrário, todo crédito pelo sucesso recai sobre a figura principal, assim como a crítica, no caso do fracasso. Os chefes é que ganham a fama. Nunca se diz "ele tinha bons, ou maus, auxiliares", mas "ele era bom ou mau artífice". Portanto, escolha com cuidado, examine os seus ministros. Em suas mãos está a sua fama imortal.

63. A vantagem de ser o primeiro.

Vem em dobro quando se é verdadeiramente superior. Empatando em outros aspectos, aquele que dá o primeiro lance tem vantagem. Muitos teriam sido uma fênix em suas atividades se outros não os tivesse percebido. Os primeiros são os primogênitos da fama, e os filhos seguintes têm de pleitear o pão de cada dia em juízo. Por mais que se esforcem, não conseguem se livrar da pecha de serem imitadores. É sutileza dos prodigiosos abrirem novos caminhos para alcançar a perfeição, contando que a prudência dê segurança a suas aventuras. Por meio da inovação, os sábios se inscrevem no rol dos heróis. Alguns preferem ser os primeiros na segunda classe a ser segundos na primeira.

64. Evitar os dissabores.

É tão benéfico quanto sensato. A prudência o poupará de muitos: trata-se da Luciana da felicidade e, por isso, da satisfação. Não dê aos outros más novas, a menos haja um remédio, e acautele-se ainda mais para não recebê-las. Há os que só têm ouvidos para a doçura da lisonja, e outros, para o amargo da intriga, e há os que não sabem viver sem uma dose diária de desgosto, a exemplo de Mitridates com seu veneno. Não é possível viver bem infligindo a nós mesmos sofrimento vitalício a fim de agradar aos outros, mesmo que seja alguém íntimo. Nunca peque contra si mesmo para satisfazer aquele que o aconselha e fica de fora. Quando agradar a alguém envolve impor sofrimento a si mesmo, lembre-se desta lição: antes o outro se magoar agora do que você se aborrecer mais tarde, e sem remédio.

65. Gosto elevado.

O gosto exige cultivo, assim como o intelecto. Sua compreensão estimula o apetite e o desejo e, mais tarde, aviva o deleite de sua posse. Conhecemos a grandeza do talento de alguém por suas aspirações. Só algo grande pode satisfazer uma grande capacidade. Bocados grandes são para grandes paladares, assuntos elevados, para caracteres elevados. Até os mais valentes temem ante o seu julgamento, e os mais perfeitos perdem a autoconfiança. Poucas são as coisas de primeira magnitude: poupe seu apreço. Adquire-se o gosto pelo convívio com os outros e se herda com a continuidade. É uma sorte poder se privar com alguém de gosto perfeitamente desenvolvido. Mas não se declare descontente com tudo; trata-se de um extrema tolice, mais odiosa quando por afetação do que por verdadeiro desgosto. Há quem gostaria que Deus tivesse criado outro mundo e outras perfeições só para satisfazer sua fantasia extravagante.

66. Atenção para que as coisas saiam bem.

Alguns preferem o rigor dos meios do que a felicidade de realizar metas. A desgraça do fracasso excede a perseverança demonstrada. Quem vence não precisa prestar contas. A maioria presta mais atenção ao sucesso ou fracasso do que às circunstâncias, a nossa reputação jamais sofre quando conseguimos nosso intuito. Um bom final transforma tudo em ouro, por mais inadequados tenham sido os meios. É uma arte contrariar as regras para conseguir um final feliz.

67. Preferir ocupações louváveis.

A maioria das coisas depende da satisfação dos outros. A estima é para perfeição o que a brisa é para as flores: alento e vida. Certos cargos gozam de estima universal, ao passo que outros, embora mais importantes, mal se notam. Os primeiros são vistos por todos que captam a benevolência de todos. As últimas são mais raras e exigem mais habilidade, mas ficam na sombra e mal se percebem veneradas, mas não aplaudidas. Entre os príncipes, os mais celebrados são os vitoriosos, e eis por que os reis de Aragão foram tão aclamados: eram conquistadores e guerreiros magnânimos. O homem de talento deve dar preferência às ocupações célebres, que todos podem ver e partilhar, e ficará imortalizado pelo sufrágio geral.

68. Fazer os outros entender.

É melhor do que fazê-los recordar, pois o entendimento é mais importante do que a memória. Às vezes, é preciso lembrar, noutras, aconselhar o que convém. Alguns deixam de fazer o que é oportuno simplesmente por nunca ter-lhe ocorrido. Que o conselho amigável ajuda a perceber as vantagens. Um dos maiores privilégios da mente está em discernir o que mais importa. Na falta deste, muitos

sucessos não se realizam. Aquele que tem luz a conceda, e os que não a têm a solicitem, o primeiro com cautela, os últimos com discrição, por insinuações. Tal sutileza é especialmente necessária quando o conselheiro tem algo em jogo. Convém abrir o jogo e ser explícito só quando a insinuação não basta.

Tendo já obtido um não, vá com jeito, atrás de um sim. Na maior parte das vezes, não se conseguem as coisas por não se tentar consegui-las.

69. Não ceder a um capricho vulgar.

Os grandes não se curvam diante de impressões passageiras. É prudente refletir sobre si próprio: conhecer a própria disposição, e se prevenir. Considerar o outro extremo para, entre a arte e a natureza, achar o ponto de equilíbrio da sindérese. Para se corrigir é preciso se conhecer. Pois existem verdadeiros monstros de impertinência, sempre levados pelos caprichos, que fazem variar seus afetos. Arrastados por esse desequilíbrio vulgar se envolvem em suas tarefas de forma contraditória. Tal excesso, além de arruinar a vontade, também distorce a razão, perturbando o desejo e a compreensão.

70. Saber dizer não.

Não se pode conceder tudo a todos. Dizer não é tão importante quanto conceder, principalmente para aqueles que mandam. O que importa é como isso é feito. O não de alguns agrada mais do que o sim de outros; um não dourado satisfaz mais do que um sim lacônico. Muitos têm sempre o não na boca, e estragam tudo. O não é o que primeiro lhes ocorre. Podem ceder depois, mas não são estimados, porque já de início foram desagradáveis. Não se deve negar de chofre, que se saboreie a decepção pouco a pouco. Nunca

negue nada por completo, os outros deixariam de depender de você. Deve haver sempre resquícios de esperança para adoçar o amargor da recusa. Que a cortesia ocupe a lacuna deixada pelo favor, e que as boas palavras compensem a falta de ação. Não e sim são palavras breves, mas exigem uma reflexão prolongada.

71. Não ser contraditório, nem por temperamento, nem por afetação.

O sábio é coerente em tudo o que diz respeito à perfeição, o que justifica sua fama. Muda apenas quando mudam as causas e os méritos. No tocante à prudência é feio variar. Alguns, a cada dia, nunca são os mesmos. Sua sorte muda diariamente, assim como sua vontade e seu discernimento. Ontem concederam; hoje negam. Difamam sua própria reputação, confundindo os outros.

72. Ser decidido.

A má execução prejudica menos que a indecisão. A estagnação estraga mais as coisas que o movimento. Alguns homens são incapazes de decidir e precisam do impulso alheio. Às vezes, a causa está não na perplexidade, uma vez que eles vêm com clareza suficiente, mas na falta de iniciativa. Perceber dificuldades pode ser uma habilidade, mas descobrir uma maneira de evitá-las revela uma habilidade ainda maior. Já outros homens não se embarçam nada e têm grande capacidade de juízo e decisão. Nascidos para posições elevadas, sua compreensão clara lhes conquista o sucesso com facilidade. Descobrem tudo na hora, e ainda lhes sobram tempo. Quando convictos de estarem com sorte, aventuram-se com firmeza ainda maior.

73. Saber quando ser evasivo.

É como as pessoas sensatas evitam as dificuldades. Com uma frase elegante, espirituosa, conseguem escapar do labirinto mais intrigado. Com um sorriso se esquivam do obstáculo. Foi nisto que o maior dos capitães baseou sua coragem. Uma maneira cordial de dizer não consiste em mudar de assunto, e nenhuma manobra é de maior elegância do que se fazer de desentendido.

74. Não ser intratável.

As feras verdadeiras vivem nos lugares mais povoados. Ser inacessível é o vício daqueles que não conhecem a si próprios e mudam os humores conforme as honras. Não é irritado os outros logo de início que se alcança a estima. Imagine um desses monstros intratáveis, sempre a ponto de ficar furioso e impertinente! Os pobres dos criados o abordam com se fosse um tigre, cautelosamente e com receio. Para galgar a posição elevada, agradaram a todos e, agora que estão onde querem, desforram-se maltratando a todos. Dada a posição, deveriam atender a todos, mas a aspereza e a soberba fazem com que não atendam a ninguém. Um castigo sutil, adequado a eles: ignore-os por completo. Aplique sua sabedoria em outros.

75. Escolher um modelo heróico.

Mais para emular do que imitar. Existem exemplos de grandeza, textos vivos de reputação. Cada qual escolha o primeiro em seu campo, não tanto para segui-lo quanto para superá-lo. Alexandre chorou sobre a tumba de Aquiles, não lendário herói grego, mas por si próprio, pois, ao contrário daquele, sua glória

ainda não nascera. Nada atíça tanto a ambição do espírito quanto o clarim da glória alheia. O que afugenta a inveja incentiva a generosidade

76. Não brincar o tempo todo.

A prudência é reconhecida pela seriedade e granjeia mais respeito do que talento. Quem vive brincando não é um homem que mereça confiança. São comparados aos mentirosos e nunca lhes dão crédito. De um tememos a trapaça, do outro, a zombaria. Nunca se sabe quando estão exercitando o juízo, o que equivale a não tê-lo. Não existe humor pior do que o continuo. Alguns ganham fama de espirituoso e perdem a de sensato. Há momentos para o riso, mas o resto do tempo pertence à seriedade.

77. Saber se adaptar.

Um Proteu de discrição. Culto entre os cultos, santo entre os santos. Eis aí uma ótima maneira de conquistar a boa vontade alheia, pois a semelhança gera benevolência. Observe os caracteres, e se adapte a cada um. Com aquele que é sério ou jovial, siga-lhes os passos e, polidamente, transforme-se. Essa aptidão é necessária em especial para quem depende dos outros. É grande estratégia para viver com prudência, e exige muita capacidade. É menos difícil para aqueles que são bem informados e versáteis no gosto.

78. Habilidade no testar.

A insensatez sempre se precipita à ação, pois todos os tolos são audazes. Sua própria inépcia, que não os deixa prever o perigo,

os impede de se incomodar com o fracasso. Mas a prudência entra com todo o cuidado. A cautela e a perspicácia são seus batedores, abrindo caminho para que possa avançar sem perigo. A discrição condena a ação precipitada ao malogro, embora a sorte às vezes a salve. Vá devagar quando há risco de afundar. Que a argúcia estude o caminho e a prudência o conduza a terreno firme. Hoje em dia há baixios no trato com os outros, e o melhor é ir lançando a sonda.

79. Caráter jovial.

Com moderação, é virtude senão um defeito. Uma pitada de espírito é bom tempero. Os grandes homens conseguem com graça e humor granjear a simpatia geral, sem contudo perder o devido respeito para com a prudência e sem violar o decoro. Há quem faça da troça um caminho para se livrar rapidamente de embaraços, pois é preciso levar certas coisas na brincadeira, mesmo algumas que outros levariam mais a sério. Assim, demonstra-se amabilidade e se cativam os corações.

80. Atenção ao se informar.

Boa parte das informações as colhemos dos outros. Vemos muito pouco por nós mesmos, e vivemos confiando no testemunho alheio. Os ouvidos são a porta principal da verdade e a porta principal da mentira. É mais freqüente ver do que ouvir a verdade. Ela raramente nos chega pura, tanto menos quando vem de longe. Chega-nos tingida das mudanças da paixão por que passou, ora agradável, ora detestável. Tente sempre nos impressionar, de uma forma ou de outra. Tome cuidado com quem elogia e mais ainda com quem critica. Descubra qual o interesse pessoal, de que lado coxeia, para onde vai. Reflita bem para detectar os falsos e incompletos.

81. Renovar seu esplendor.

Trata-se de privilégio de fênix. A excelência decai bem como a fama. O hábito desgasta nossa admiração, e uma novidade medíocre pode superar a maior celebridade envelhecida. Portanto, renasça na coragem, em intelecto, em felicidade, e em tudo o mais. Amanheça tantas vezes quanto o sol, apenas mudando o cenário à sua volta. Para que uns sintam sua falta e outros o apreciem, despertando aqui o aplauso e alia a saudade.

82. Nem tudo mau, nem tudo bom.

Um certo sábio reduziu toda a sabedoria ao caminho do meio. Levar o certo longe de mais e ele se torna errado. A laranja espremida ao máximo dá só amargor. Mesmo no prazer não devemos ir a extremos. A própria inteligência se esgota se exigida demais, e se ordenhamos uma vaca em excesso teremos sangue por leite.

83. Permitir-se algum deslize.

Às vezes, um pequeno descuido pode ser a melhor maneira de ajudar os outros a ver seus talentos. A inveja muitas vezes isola: quanto mais cortês, mais criminosa. Acusa o que é perfeito de pecar, por não pecar, e o condena por ser perfeito em tudo. Transforma-se num Argo, procurando defeitos no que é muito bom, ainda que só para se consolar. A exemplo do raio, a crítica atinge os locais mais altos. Que Homero cochile de vez em quando, e faça de conta que sua inteligência ou coragem - mas não sua prudência - cometeu algum descuido. Assim, a malevolência se aplaca e não

solta sua peçonha. É como atirar a capa ante o touro da inveja a fim de salvar a imortalidade.

84. Saber usar amigos.

Não segure a arma pela lâmina, que será ferido, mas pelo cabo que o defenderá. E isto vale também para a competição. Quem é prudente considera os inimigos mais úteis do que o tolo considera os amigos. Pode a malevolência aplinar montanhas de dificuldades, que o favor não se atreveu a enfrentar. Muitos devem sua grandeza aos inimigos. A lisonja é mais traiçoeira que o rancor, pois o rancor corrige defeitos que a lisonja encobre. O homem prudente transforma a ojeriza em espelho, mais confiável que o do afeto, pois ajuda a reduzir os defeitos ou corrigi-los. Deve-se ter muita cautela quando se vive lado a lado com emulação e a malevolência.

85. Não ser o curinga.

O muito uso que é excelente facilmente torna-se abuso. Quando todos cobiçam uma coisa, facilmente dela se enfadam. É uma desgraça ser bom para nada, mas pior ser bom para tudo. Alguns perdem porque ganham com demais, e logo se vêem tão detestados quanto um dia foram desejados. Depara-se com tais curingas em todos os tipos de perfeição. Perdendo a reputação inicial de peças raras, são desdenhados como comuns. O único remédio contra o exagero é ser moderado ao revelar seus dotes. Exceda-se na perfeição, mas seja reatado ao mostrá-la. Quanto mais brilhante a tocha, mais ela se consome e menos dura. A fim de conquistar a verdadeira estima, evite a superexposição.

86. Prevenir-se dos boatos.

A massa de vulgo é um monstro de muitas cabeças: muitos olhos para a malícia, muitas línguas para calunia. Às vezes, circula um falatório e arruína a melhor reputação, e, quando se aferra a nós como um apelido, acaba com nossa fama. Normalmente, o povinho toma ensejo em alguma falha saliente, ou algum defeito ridículo: material que presta à fofoca. Às vezes, são nossos rivais invejosos que com malícia espalham tais defeitos. Existem bocas desprezíveis que com uma pilhéria arruínam uma excelente reputação mais depressa do que com desaforos. É muito fácil adquirir uma má reputação, pois o mal é bem aceito, e difícil apagá-lo. Quem é prudente evite tudo isso, e fique de olho na insolência vulgar; pois é mais fácil prevenir do que remediar.

87. Cultura e esmero.

O homem nasce bárbaro. Redime-se da condição de besta cultivando-se. A cultura nos transforma em pessoas; e tanto mais, quanto maior for a cultura. Por isso, a Grécia pôde chamar o resto do mundo de bárbaro. A ignorância é rude e grosseira. E até a sabedoria é áspera quando carece de polimento. Não é apenas a inteligência que devemos apurar, mas também nossos desejos e principalmente nossa conversa. Alguns exibem um esmero natural tanto nas qualidades interiores quanto nas exteriores, tanto nos conceitos quanto nas palavras, tanto no adorno corporal (que é como a casca) quanto nos dons espirituais (o fruto). Já outros são tão brutos que embaçam tudo, até suas qualidades superiores, com um intolerável desasseio bárbaro.

88. Maneiras grandiosas.

Aspire à elevação. Os grandes homens não devem jamais ser mesquinhos nos proceder. Não é preciso entrar em por menores ao conversar com os outros, em especial quando o assunto é desagradável. Observe e perceba as coisas, mas de forma descontraída; não é bom transformar a conversa numa averiguação minuciosa. Aja normalmente com uma generalidade de fidalgo, que é um tipo de galanteio. Boa parcela do poder está em dissimular. Aprenda a fazer vista grossa à maior parte do que acontece entre amigos, conhecidos e, principalmente, inimigos. Tudo o que é mesquinho irrita e, dependendo da condição, molesta. Repisar algo desagradável é uma espécie de mania. Em geral, o mesmo acontece com a maneira de se comportar, que varia segundo o coração e a capacidade de cada um.

89. Compreensão de si mesmo.

Do caráter, do talento, do discernimento e das emoções. Ninguém consegue dominar-se se não compreende a si próprio. Existem espelhos para o rosto, mas não para o espírito, tome lugar do espelho a ponderada auto-reflexão. E, ao se esquecer de sua imagem exterior, tente corrigir e aprimorar a interior. Conheça a força da sua prudência e perspicácia.

Verifique se tem condições de se empenhar. Explore seu íntimo e verifique seus recursos para tudo.

90. A arte de viver muito.

Viver bem. Duas coisas antecipam o fim da vida: ignorância e maldade. Alguns perdem a vida por não saber como salvá-la; outros, por não querer saber. Assim como a virtude é sua própria recompensa, o vício é seu próprio castigo. Aquele que vive uma vida de vícios encontra o fim duas vezes mais rápido. O que vive na

virtude nunca morre. A integridade da mente se comunica com o corpo. Uma boa vida é plena tanto em intensidade quanto na extensão.

91. Nunca agir com imprudência.

A suspeita de malogro em quem age é certeza para quem observa, ainda mais se tratando de um rival. Se seu discernimento duvida no calor da emoção, condenará quando a situação esfriar. É perigoso empreender algo quando se duvida da própria prudência. É mais seguro, simplesmente, se omitir. A sensatez se recusa a jogar com probabilidades; caminha sempre sob a luz meridiana da razão. Como pode algo terminar bem se a cautela começou a condená-lo apenas concebido? Mesmo as resoluções aprovadas com nemine discrepante no exame íntimo muitas vezes malogram; sendo assim, o que esperar daquelas das quais a razão desconfiou e que o critério judicioso considerou temerárias?

92. Prudência transcendente.

Em todas as situações. Trata-se da primeira e mais importante regra no agir e falar, tanto importante quanto maior e mais elevada a posição. Um grama de prudência vale mais que uma arroba de habilidade. É melhor o caminhar seguro do que cortejar o aplauso vulgar. A reputação de prudência constitui o triunfo máximo da fama. Bastará satisfazer os sensatos, cuja aprovação é a pedra de toque do sucesso.

93. Um homem completo.

Síntese de todas as perfeições, um homem vale por muitos. Faz feliz o viver e transmite essa fruição para os do seu convívio. Variedade e perfeição tornam a vida agradável. Trata-se de uma grande arte saber fruir de tudo o que é bom. E considerando que a natureza fez do homem a mais alta expressão das qualidades naturais, que a arte faça dele um universo exercitando-lhe o gosto e o entendimento.

94. Dons inescrutáveis.

Aquele que é prudente - se quiser manter o respeito dos demais - não deve permitir jamais que sondem a extensão de seu conhecimento e coragem. Permita-se ser conhecido, mas não compreendido. Não sendo avaliados os limites de seu talento. Por completo, não haverá decepção. Nunca permita que o conheçam por completo: obtém -se maior respeito fazendo os outros imaginarem a extensão de nosso talento, ou mesmo duvidando dele, do que exibindo- o, por maior que seja.

95. Manter as expectativas.

Alimente-se sempre. Deixe o muito prometer mais, o que as grandes ações façam que se esperem outras ainda melhores! Não revele todos os seus trunfos no primeiro lance. O bom jogo está em moderar a força e o conhecimento e pouco a pouco ir aumentando o desempenho.

96. Da grande sindérese.

Trata-se do trono da razão, da base da prudência, e com sua luz é fácil acertar. É uma dádiva do céu, muito desejada por ser a

primeira e a melhor. É a peça chave na nossa armadura, tão necessária que a falta dessa única peça fará com que nos chamem de incompletos. Quanto menos presente, mais se nota falta. Todas as ações da vida dependem de sua influência, e todas exigem sua aprovação, pois todas dependem da inteligência. Consiste numa inclinação conatural a tudo o que mais se conforma à razão, sempre se unindo ao mais acertado.

97. Construir uma reputação e preservá-la.

É o usufruto da fama. É cara, pois nasce da eminência, que é tão rara quanto comum é a mediocridade. Alcançada, se conserva com facilidade. Obriga muito e produz mais. Constitui uma espécie de majestade quando se transforma em veneração, devido à sublimidade de sua causa e esfera de ação. Mas a reputação que tem substância é a que conserva seu valor.

98. Cifrar as intenções.

As paixões são os reflexos do espírito. A arte mais prática está na dissimulação. Aquele que mostra as cartas arrisca-se a perder. Que a cautela e a reserva concorram com a atenção. Quando o oponente analisa seu raciocínio como um lince, oculte seu interior como uma lula. Que ninguém descubra suas predileções, para que não as prevejam, nem para contradizê-las, nem para lisonjeá-las.

99. Realidade e aparência.

As coisas não passam pelo que são, mas pelo que parecem. Raros são os que olham por dentro e muitos os que se contentam

com as aparências. Apenas ter razão não basta; que o semblante também o demonstre.

100. Homem sem ilusões, cristão e sábio, filósofo refinado; mas não demonstrar

Muito menos ostentar. Já não é respeitada a filosofia, embora constitua o principal exercício dos sábios. Caiu em desrespeito a ciência da prudência. Sêneca introduziu-a em Roma e por algum tempo ela empolgou os nobres. Mas agora é considerada inútil e impertinente. E, não obstante, desfazer ilusões sempre foi um quitute para a prudência e um dos prazeres da retidão.

101. Metade do mundo ri, da outra metade, e ambas são tolas.

Ou tudo é bom, ou tudo é mau, dependendo do nosso enfoque. O que alguns perseguem outros evitam. É o um tolo insuportável aquele que quer regular tudo segundo seu próprio conceito. As perfeições não dependem de um único gosto. Os gostos são tão abundantes quanto os rostos e igualmente variados. Não existe defeito que alguém não aprecie, e nem se deve desanimar se algo não agradou a alguns, pois não faltarão outros que apreciarão; que os aplausos destes não causem desvanecimento, porque outros o condenarão. A norma da verdadeira satisfação reside na aprovação de homens conceituados que sabem avaliar cada classe de coisas. Não se vive seguindo uma só opinião, um só costume ou um só século.

102. Ter estômago para grandes bocados de sorte.

O corpo da prudência deve ter uma grande goela. Uma grande capacidade se compõe de grandes partes. Se você merece a melhor sorte, não se farte com os sucessos. O que é excesso para uns é fome para outros. Alguns desperdiçam alimentos finos porque não têm como digeri-los: não nasceram para ocupações elevadas e não estão acostumados a elas. Seu convívio vira vinagre, e os humores que emanam da imerecida honra perturbam a cabeça e fazem com que a percam. Correm perigo nas altas esferas, e não cabem em si mesmos, pois não há neles lugar para a sorte que tiveram. Quem é grande mostre que ainda tem lugar para coisas melhores, e cautelosamente evite tudo o que revela um coração mesquinho.

103. A cada um a dignidade que lhe convém.

Nem todo mundo é rei, mas seus atos devem ter a mesma dignidade, dentro dos limites de sua esfera. Uma maneira régia de fazer as coisas: grandiosamente de ação, uma mente sublime. É preciso assemelhar-se a um rei em mérito, mesmo não sendo, pois a verdadeira soberania está na integridade de costumes. Não teremos de invejar a grandeza se se pudermos servi-lhe de padrão. Aqueles que se encontram próximo ao trono, em especial, devem tentar assimilar um pouco da verdadeira superioridade. Procurem partilhar os dons morais da majestade, em vez da pompa, e aspirar a coisas elevadas e substâncias, em vez da vaidade tola.

104. Ter uma boa noção do que cada trabalho exige.

As ocupações diferem entre si, e entender tal variedade requer conhecimento e perspicácia. Algumas exigem coragem, outras, sutileza. Os cargos mais fáceis são aqueles que dependem da retidão; os mais difíceis, aqueles que requerem astúcia. Para os primeiros basta um bom caráter; os últimos, toda sorte de atenção e vigilância. É trabalhoso dirigir homens, e, ainda mais, tolos ou loucos. Requer siso em dobro controlar aqueles que não têm nenhum. Trabalho insuportável é aquele que requer o tempo todo, com horário fixo e repetitivo. Bem melhores são os trabalhos com que não nos entendíamos, em que a variedade se junta à gravidade, porque a mudança restaura o prazer. As ocupações mais respeitadas são as que têm menos e mais distante dependência. E as piores são as que, ao prestar contas, nos fazem suar, tanto na casa humana e ainda mais na divina.

105. Não ser maçante.

Não tenha só um assunto, uma obsessão. A brevidade é agradável e lisonjeira, além de dar mais resultado. Ganha em cortesia o que perde concisão. As coisas boas, se breves, são duplamente boas. A maldade, se curta, não é tão má. As quintessências dão melhor resultado que a prolixidade. Todos sabem que o homem proxilo raramente é inteligente, mas antes ser alto em estatura do que extenso na conversa. Há pessoas que mais perturbam do que adornam o universo: bugigangas inúteis das quais todos se esquivam. Quem é discreto deve evitar aborrecer os outros, em especial as personalidades, pois são muito ocupadas. Irritar uma delas seria pior do que ao resto do mundo. Diga rapidamente e terá bem dito.

106. Não exhibir o sucesso.

Agride mais a ostentação de nosso alto posto do que de nós mesmos. Não banque o grande homem - é odioso -, e não se orgulhe de ser invejado. Quanto mais procurar a estima dos outros, menos dela terá. Depende do respeito alheio. Não se pode tomá-la, é preciso merecê-la e esperar por ela. Cargos elevados requerem a autoridade correspondente, sem a qual não será possível exercê-los dignamente. Preserve a autoridade que o cargo exige para cumprir suas obrigações. Não a esgote; ajude-a a seguir em frente. Aqueles que querem parecer trabalhadores esforçados dão a impressão de que não estão à altura de seu trabalho. Se quer se sair bem, use seus talentos, não seus atributos exteriores. Até um rei deve ser venerado mais pela soberania pessoal do que a extrínseca.

107. Não mostrar satisfação consigo próprio.

Não passe a vida descontente consigo mesmo, o que é mesquinhez, nem satisfeito, o que seria tolice. A auto-satisfação normalmente se origina na ignorância e leva a uma felicidade tola; conforta, mas arruína o prestígio. Como não alcança a elevada perfeição dos outros, contenta-se com a própria mediocridade. A cautela é sempre útil, seja para promover o sucesso, seja para nos consolar em caso de fracasso. Nenhum revés surpreenderá a quem o temia de antemão. O próprio Homero cochilava às vezes, e Alexandre caiu da sua posição e do engano em que vivia. Os fatos dependem de muitas circunstâncias o que triunfa em certa circunstância, pode fracassar em outra. Para um tolo incorrigível, porém, a satisfação mais vazia se transforma numa flor a espalhar suas sementes.

108. Atalho para tornar-se uma verdadeira pessoa.

Saber associar-se. É muito eficaz o convívio; a companhia pode realizar maravilhas. Hábitos, gostos e até a Inteligência se comunicam por este caminho sem que se perceba. Procure pois o decidido se juntar ao hesitante, e assim os demais tipos de temperamentos. Assim se conseguirá o equilíbrio sem violência. Requer muita habilidade saber adaptar-se. A alternância de opostos torna o universo belo e o sustenta, e nos hábitos humanos causa uma harmonia ainda maior do que na natureza. Valha-se deste conselho ao selecionar amigos e criados. A comunicação de extremos produzirá um discreto e valioso meio- termo.

109. Não censurar os outros.

Há homens com temperamento selvagem que transformam tudo em crime, não por paixão, mas devido sua própria natureza. Condenam a todos, alguns pelo que fizeram, outros pelo que farão. Isso indica um espírito pior que cruel, realmente vil. Criticam os outros com tal exagero com tal exagero que transformam ciscos em traves para arrancar os olhos. São feitores que transformam um paraíso numa prisão. Quando dominados pela paixão, levam tudo a extremos. Ao contrário dos que são bondosos; para tudo há desculpas; para estes, os outros sempre têm boas intenções ou erraram inadvertidamente.

110. Não esperar o sol se pôr.

Constitui uma máxima para quem é prudente abandonar as coisas antes de ser abandonado por elas. Devemos fazer até nosso fenecer um triunfo. Às vezes, o próprio sol se esconde para trás de uma nuvem, de modo que ninguém o veja se pôr, deixando-nos em dúvida se já se pôs ou não. Evite o declínio para não se chocar com o infortúnio. Não fique esperando lhe darem as costas, que o

sepultarão vivo para seu pesar e morto para a estima. Os prudentes sabem quando aposentar um cavalo de corrida, e não esperam que este caia no meio da carreira para provocar o riso de todos. Que a beleza quebre o espelho sagazmente, na hora certa, e não tarde demais, quando este lhe revelará a verdade.

111. Ter amigos.

É uma segunda vida. Para um amigo, todos os amigos são bons e sábios. Entre eles, tudo acaba bem. Você vale tanto quanto os outros o querem e, para que o queiram, deve ganhar-lhes a boca através do coração. Nada conquista tanto como servir aos outros, e a melhor maneira de ganhar amigos é agir como amigo. O máximo e o melhor que temos depende dos outros. Deve-se viver ou com amigos, ou com inimigos. Procure ganhar um amigo a cada dia, se não como íntimo, ao menos como seguidor. Escolha bem e sobrarão alguns para confidentes.

112. Ganhar a boa vontade dos outros.

Até a primeira e suma causa, nas questões mais importantes, age assim. Reputação se adquire com afeto. Alguns confiam tanto em seu próprio valor que não se empenham em tal advertência. Mas o prudente sabe muito bem que o mérito pode encurtar o caminho se for ajudado pelo favor. A benevolência torna tudo mais fácil e compensa o que quer que esteja faltando: coragem, integridade, sabedoria e até discricção. Nunca vê a feiúra, pois não gosta de vê-la. Normalmente, nasce de semelhanças de gênio, família, pais ou ocupação. Na esfera espiritual, a simpatia empresta talento, estima, reputação e mérito. Uma vez conquistada - e isso é difícil - , é fácil preservá-la. Pode-se tentar conquistá-la, mas deve-se também saber usá-la.

113. Precaver-se contra a adversidade enquanto se está com sorte.

No verão é prudente prover-se para o inverno, além de ser mais fácil. Os favores baratos e as amizades são fartos. É bom poupar para um dia chuvoso: a adversidade é cara e tudo falta. Mantenha uma reserva de amigos e agradecidos; algum dia você valorizará o que agora não faz caso. A vilania não tem amigos na prosperidade porque se recusa a reconhecê-los. Na adversidade são eles que a desconhecem.

114. Nunca competir.

Quando competimos, nossa reputação pode sofrer prejuízo. O competidor vai de imediato tentar descobrir nossos defeitos para nos desacreditar. Poucos fazem guerra com justiça. A rivalidade descobre as faltas que a cortesia tinha esquecido. Muitos possuíam boa reputação até que tiveram rivais. O calor da oposição ressuscita infâmias dormentes e desenterra as imundices passadas e antepassadas. A competição começa por tornar públicos os defeitos, e os rivais tiram proveito de tudo que o podem e de que não deveriam. É freqüente não ganharem nada ofendendo aos outros, a não ser a vil satisfação da vingança. A vingança sacode o pó com tanta raiva que faz ressurgir os defeitos do esquecimento. A benevolência sempre foi pacífica e a reputação, indulgente.

115. Acostumar-se aos defeitos de amigos.

Familiares e conhecidos, assim como o faz com rostos feios. Quando está na condição de dependência, aspire à convivência. Existem caracteres tão ferozes que não se consegue viver com eles

nem sem eles. É preciso habilidade para se acostumar a eles, assim como a feiúra, de maneira que não nos surpreendam em algum momento lúgubre. A principio nos amedrontam, mas pouco a pouco se perde aquela aversão inicial, e a cautela prevê ou aprende a conviver com a desprazer.

116. Relacionar-se com pessoas de bem.

Pode se comprometer com elas e aceitar seus compromissos. Sua retidão é a garantia de que elas agirão corretamente mesmo quando se opuserem a você, pois comportam-se como são. É melhor se desavir com pessoas de bem do que triunfar sobre os maus. Não há como dar-se bem com a vilania, pois ela não tem compromisso com a integridade, nem convém tratá-los com fidalguia, pois não entendem o que é honradez. Eis por que não existe amizade verdadeira entre os maus. Evite quem não tem honra, pois quem não estima a honra não preza a virtude. E a honra constitui o trono da integridade.

117. Não falar sobre si mesmo.

Ou se gabará, o que é vaidade, ou se criticará, o que é humildade. Ao demonstrar tal falta de sensatez, tornando-nos maçantes para os ouvintes. Se isto deve ser entre amigos, mais ainda nos altos cargos, quando se fala em público com freqüência e onde tudo o que sugere vaidade passa por tolice. Não é prudente, tampouco, falar de pessoas que estejam presentes. Arrisca-se a atolar-se na lisonja ou no vitupério.

118. Ter fama de cortês.

Só isso já pode torná-lo benquisto. A cortesia é a melhor parte da cultura, uma espécie de feitiço que cativa a boa vontade de todos, assim como a grosseria obtém apenas desprezo e irritação geral. Quando nasce de orgulho, a grosseria é detestável; quando de má criação, é desprezível. Melhor a cortesia pecar por excesso do que por falta; aquela que é distribuída igualmente para todos levaria à injustiça. Entre os inimigos, a cortesia é um dever, e daí se vê como ela é valiosa. Custa pouco, mas recebe um belo dividendo: quem respeita é respeitado. A polidez e a honra têm essa vantagem: nós a concedemos aos outros sem perder nada.

119. Não se tornar malquisto.

Não é preciso provocar a aversão, ela vem sem ser chamada. Há muitos que odeiam gratuitamente, sem saber como ou por quê. A malevolência se antepõe ao respeito. A irascibilidade é mais eficaz e rápida para danificar do que a concuspiscência para tirar proveito. Alguns conseguem causar mal-estar a todos, por serem desagradáveis ou de mau gênio. E, uma vez que o ódio seja implantado, é como a má reputação, difícil de se apagar. Os homens judiciosos são temidos, os maledicentes são detestados; tem-se ascos aos arrogantes, abominam-se os bufões. Os de destacada superioridade são abandonados. Demonstre sua estima caso queira ser estimado, e se quer prosperar dê aos outros sua atenção.

120. Viver de maneira prática.

Mesmo o saber deve estar em voga; quando o saber for desusado, finja ignorância. Mudam-se os tempos, assim como as expressões e o gosto. Evitemos de nos exprimir como um antigo; tenha gosto como um moderno. O gosto da maioria impõe o

comportamento social. É o que importa em todas as coisas. Deve seguir o gosto comum e avançar para o aperfeiçoamento, acomodando-se ao presente ainda que o passado lhe pareça melhor, tanto nos adornos do corpo como nos da alma. Só na bondade não vale esta regra de vida, pois sempre se deve praticar a virtude. Muitos valores vieram a parecer antiquados: falar a verdade, manter a palavra. Os bons parecem pertencer aos velhos bons tempos, embora sejam sempre queridos. Se é que ainda há alguns, são raros, e nunca são imitados. Que triste época esta, quando a virtude é rara e a maldade está no cotidiano. Viva o discreto o melhor que puder, embora não seja como gostaria. Valorize o que a sorte lhe concedeu mais do que lhe recusou.

121. Não fazer tempestade em copo d' água.

Alguns não levam nada em conta, ao passo que outros transformam tudo em caso. Estão sempre falando com importância, sempre levando as coisas muito a sério, transformando-as em controvérsia e mistério. Poucas coisas aborrecidas são importantes a ponto de justificar nosso empenho. É tolice levar a sério aquilo a que não deveríamos ligar importância. Muitas coisas que pareciam ser algo, se desprezadas, não são nada, enquanto outras que não eram nada se transformam em muito porque lhes demos atenção. Quando os problemas estão no seu início é fácil acabar com eles, depois é difícil. Às vezes, o remédio causa a doença. Não é a pior regra do viver deixar estar!

122. Maestria nas palavras e nos atos.

Abre o caminho em toda parte, e ganha de antemão o respeito. Influencia tudo: a prática das virtudes, o orar, e até o andar, o olhar, o querer. É uma grande vitória cativar o coração dos outros. A liderança não nasce de uma audácia tola nem de um enfadonho divertimento mas de autoridade superior ajudada pelo mérito.

123. Não ser afetado.

Quanto mais talento, menos afetação. Trata-se de um defeito vulgar, que desmerece e é tão maçante aos outros quanto é incomodo a quem a pratica. Faz-nos sofrer de preocupação, pois é um tormento ter de manter as aparências. As maiores qualidades perdem seu mérito por causa da afetação, pois serão julgadas como sendo fruto do artifício em vez de uma graça natural, e o mais agradável do que o artificial. Os afetados serão tidos como faltos dos talentos que afetam. Quanto melhor você é em algo, mais deve ocultar seus esforços, de modo que a perfeição pareça a ocorrer naturalmente. Não se deve, tampouco, para fugir da afetação fingir não tê-la. O homem prudente não deve nunca demonstrar mais que conhece os próprios méritos; a displicência desperta a atenção dos outros. Duplamente grande é quem tem todas as qualidades, mas nenhuma em sua própria opinião. Percorre seu próprio caminho até chegar ao aplauso.

124. Fazer-se desejado.

Poucos conquistaram a simpatia geral; considere-se afortunado se conseguir ganhar a simpatia dos sábios. É comum o desinteresse

com aqueles que estão no fim. Há diversos modos de conquistar e manter o grande privilégio da estima: destacar-se na ocupação e nos talentos. O agrado também é eficaz. Tornar indispensáveis nossas qualidades de modo que se note que o cargo precisava de nós, e não vice-versa. Há quem honre sua posição, outros são honrados por ela. Não é vantagem ser considerado bom só porque o sucessor é ruim, pois isto não significa de forma alguma que você tenha deixado saudades, e sim que o outro é detestável.

125. Não ser um compêndio dos defeitos alheios.

Prestar atenção à infâmia alheia revela que a própria fama está arruinada. Alguns gostam de encobrir, ou lavar as próprias nódoas com as alheias, ou consolar-se com elas: este é um consolo de tolos. Seu hábito fede; são fossas de imundície. Neste caso, quem mexe mais fundo fica mais enlameado. Poucos escapam de ter algum defeito, seja por herdado ou adquirido. Só quando somos pouco conhecidos é que nossas falhas são desconhecidas.

Quem é pedante não deve ser registro dos defeitos alheios, nem se tornar uma desprezível e desalmada lista negra viva.

126. Tolo não é aquele que faz uma tolice, mas aquele que não sabe disfarçá-la.

Se é preciso ocultar os sentimentos, ainda mais os defeitos. Todo mundo erra, mas com uma diferença: os sábios encobrem até os erros, e os tolos falam até daqueles que estão para cometer. Para a reputação, mais vale o recato que o fato. Se não pode ser casto, seja cauteloso. Os descuidos dos grandes são observados de perto, a exemplo dos eclipses do Sol e da Lua. Não devemos confiar

nossos defeitos nem aos amigos, nem a nós mesmos, se fosse possível. Aplica-se aqui outra regra do bem viver: saber esquecer.

127. Naturalidade e graça.

A desenvoltura dá vida ao talento, alento à expressão, alma às ações, realça até mesmo os dons mais elevados. As demais qualidades constituem o adorno da natureza, mas a graça adorna as próprias perfeições: torna até o raciocínio brilhante. Deve-se mais a um privilégio natural e menos ao esforço, e é superior inclusive à disciplina. É mais ligeira que a habilidade e atinge até o que é arrojado. Aumenta a autoconfiança e acumula a perfeição. Sem ela, toda beleza está morta, toda graça é sem graça. Vai além do mérito, da discrição, da prudência e da própria majestade. É hábil caminho nos negócios e uma maneira elegante de se livrar de qualquer dificuldade.

128. Grandeza de alma.

Um dos principais requisitos do heroísmo, pois inspira todo tipo de grandeza. Realça nosso gosto, engrandece o coração, eleva nosso pensamento, enobrece o caráter e dispõe à magnificência. Sobressai onde quer que se encontre. O destino às vezes a inveja e tenta obscurecê-la, mas ela anseia por se distinguir. Rege a vontade mesmo quando tolhida pelas circunstâncias. A magnanimidade, a generosidade de todas as outras qualidades superiores a reconhecem como sua fonte.

129. Nunca se queixar.

A queixa sempre traz descrédito. E, em vez de compaixão e consolo, exalta a paixão e a arrogância, encorajando aos que ouvem nossas queixas e nos aflige também. Uma vez divulgadas, as ofensas que nos foram feitas pertencem justificar que se comentam outras. Alguns reclamam de ofensas passadas e motivam outras futuras. Querendo remédio ou consolo, suscitam complacência e até desprezo. A melhor política é elogiar os favores que alguns lhe fizeram, de modo a ganhar ainda mais dos outros. O comentar como os ausentes o favoreceram é como pedir aos presentes que façam o mesmo, e paguem na mesma moeda. O prudente não deve jamais divulgar o descrédito ou as desfeitas, apenas o apreço que os outros lhe têm demonstrado. Assim, retém amigos e contém os inimigos.

130. Fazer, mas também parecer.

As coisas não passam pelo que são, mas pelo parecem. Sobressair-se é saber mostrar-se, é valer o dobro. O que não se vê é como se não existisse. A própria razão não é venerada quando não exhibe um rosto razoável. São mais numerosos os iludidos que os precavidos. O engano prevalece, e as coisas são julgadas pelo seu aspecto, raramente sendo o que parecem. Um bom exterior é a melhor recomendação da perfeição interior.

131. Fidalguia de caráter.

A alma tem suas roupas finas, de gala: o ímpeto e o arrojo espirituais que fazem a honra do coração. Nem a todos é dado exhibir a fidalguia, pois supõe magnanimidade. Sua primeira preocupação é sempre falar bem do inimigo, e tratá-lo melhor. Brilha mais intensamente quando tem oportunidade de se vingar. Não se furta a tais situações, mas as aproveita, convertendo um ato

de vingança num inesperado ato de generosidade. Também é política, e um adorno da razão de Estado. Nunca exhibe seus triunfos- não afeta nada- e, quando estes se devem a mérito, sabe dissimular.

132. Reconsiderar.

A segurança está em reexaminar as coisas, principalmente quando não se está totalmente seguro. Ganhe tempo, seja para conceder algo, seja para melhorar sua situação, e você encontrará novas razões para confirmar e corroborar seu parecer. Tratando-se de doar, valoriza-se mais um presente quando concedido com prudência do que quando dado apressadamente. O que se deseja há muito é sempre mais apreciado. Ao recusar, ganhe tempo, prestando mais atenção aos modos e deixe o não amadurecer um pouco, de modo que seja mais fácil de aceitar. Na maioria das vezes, dissipado o primeiro calor do desejo, será mais fácil aceitar a recusa. Se alguém pede com pressa, demore para conceder. É uma forma de sustentar-lhe o interesse.

133. Antes ser louco acompanhado de muitos do que sensato sozinho.

Dizem os políticos. Se todos são loucos, não haverá prejuízo. E se você for o único sensato, sozinho, irão tomá-lo por louco. O importante é pois seguir a corrente. Às vezes, a maior sabedoria é não saber ou fingir não saber. Temos de viver com os outros, e a maioria é ignorante. Para viver só, é preciso ter muito de Deus ou tudo de besta. Mas eu moderaria este aforismo dizendo: Antes um sensato com a maioria do que louco sozinho. Alguns querem ser notáveis através de quimeras.

134. Duplicar sua provisão de requisitos da vida.

É duplicar a vida. Não dependa de uma única coisa, nem limite qualquer recurso, mesmo que seja raro e excelente. Tenha tudo em dobro, em especial as fontes de benefício, privilégio e bom gosto. É transcendente a mutabilidade da lua, pondo fim á permanência, e mais mutáveis ainda são as coisas que dependem da frágil vontade humana. Acumule suprimentos para se precaver contra esta fragilidade, para seu conforto. Assim como a natureza duplicou os membros do corpo mais importantes e mais expostos, a arte deve suprir-nos em dobro das coisas de que dependemos.

135. Não ter o espírito da contradição.

Que seria se identificar com algo tolo e aborrecido. Que a prudência conspire contra ele. Apresentar abjeções a tudo pode ser interessante, mas o teimoso não se furta à pecha de tolo. Alguns transformam conversas agradáveis em discussões e acabem se tornando mais inimigos dos íntimos que daqueles com quem tratam. O espinho é mais agudo quando o petisco é mais doce, e a contradição estraga momentos felizes. Quem tem espírito de contradição pode estragar, é pernicioso, e acrescenta grosseria à bestialidade.

136. Ir ao âmago das questões.

Tomar logo pulso dos negócios. Muitos se perdem nas arvores mas não atinam com a floresta, ou põem seus esforços a perder, falando sem parar, argumentando inutilmente, sem atingir o cerne da questão. Dão voltas e mais voltas, cansando a si mesmos e os

outros, e nunca chegam ao que importa. Têm entendimento confuso, não sabem como desemaranhar. Desperdiçam tempo e paciência naquilo que deveriam deixar de lado, e depois não há mais tempo para o que deveriam fazer.

137. O sábio se basta a si mesmo.

Ele próprio era todas as suas coisas e, levando-se a si próprio, levava tudo. Um amigo- um homem universal- basta para substituir Roma e o resto do universo. Que cada um seja pois esse amigo para si mesmo, e será capaz de viver por si só. De quem poderia sentir falta se nenhum gosto e nenhum intelecto é superior ao seu? Dependerá apenas de si próprio; e a maior felicidade é assemelhar-se ao Ente Supremo. Quem for capaz de viver por si só não terá nada de bruto, mas muito de sábio, e tudo de D-us.

138. Não se intrometer.

Principalmente quanto mais agitadas estiverem as ondas do social ou familiar. O convívio humano tem seus tumultos, suas tempestades de vontade; em tais ocasiões é sensato retirar-se para um porto seguro e deixar as ondas se acalmarem. Os remédios muitas vezes pioram os males. Deixe agir a natureza ali, e a moralidade aqui. O médico experiente sabe quando prescrever ou não o medicamento, e às vezes a sabedoria consiste em não aplicar remédios algum. De vez em quando, dar de ombros é uma boa maneira de debelar tormentas vulgares. Dando agora tempo ao tempo, será vencedor depois. Basta um pouco para turvar as águas de um regato, que não voltará a ficar limpo com tentativas, mas deixando-o em paz. Não há remédio melhor para a confusão do que deixá-la seguir seu curso, terminando assim por si mesma.

139. Conhecer os dias aziagos.

Porque eles existem. Nada vai dar certo. Mesmo que você mude o jogo, a má sorte continuará. Experimente sua sorte e retire-se caso o dia se revelar desfavorável. Mesmo o discernimento tem seus momentos: ninguém pode saber tudo o tempo todo. É preciso boa sorte para pensar bem, assim como para escrever uma boa carta. Toda perfeição depende de fase feliz. Nem a beleza está sempre em forma. Mesmo a discricção se desmente a si própria, ou cedendo ou excedendo. Tudo para dar certo tem seu momento. Certos dias, tudo corre mal; noutros, bem, e com menos esforço. Tudo se realiza com facilidade, a inteligência está afiada, o temperamento bem disposto, e tudo sob os auspícios da estrela da sorte. Tire o máximo proveito desses dias, e não desperdice um instante deles. Mas não é sensato considerar o dia definitivamente mau ou bom por causa de um golpe de azar ou de sorte.

140. Descobrir logo o que é bom.

Trata-se do quinhão feliz dos que têm bom gosto. A abelha vai direto à doçura, e a víbora, ao amargor de que precisa para seu veneno. O mesmo se passa com o gosto: alguns vão ao melhor, outros ao pior. Não existe nada que não tenha algo bom, em especial os livros, produtos do pensamento. O gênio de alguns é tão infeliz que, entre mil perfeições, eles encontram um único defeito, o qual censuram e alardeiam muito. Coletores das imundices da vontade e do entendimento, acumulam manchas e falhas, que é mais um castigo pela sua má opção, do que uma prova de sua perspicácia. São infelizes, porque se regalam com amargor e se nutrem com imperfeições. Mais feliz é o gosto daqueles que entre mil defeitos descobrem alguma virtude que ali talvez tenha caído por acaso.

141. Não escutar a si mesmo.

De pouco adianta agradar a si próprio se você não agrada aos outros. Geralmente a auto-satisfação colhe apenas desdém. Ao dar crédito para si próprio, você acumula um débito para com os outros. Falar e ouvir a si próprio ao mesmo tempo não dá certo. Falar consigo mesmo é loucura; ouvir a si mesmo em presença dos outros, loucura em dobro. Alguns têm o vício de encher nossos ouvidos com refrões do tipo “Estou certo?”, ou “Você sabe?”, apoquentando os outros em busca de aprovação ou lisonja e pondo assim dúvida o discernimento dos ouvintes. Também os fúteis gostam de falar como eco. Calçam sua conversa com saltos altos de arrogância, e a cada palavra solicitam o enfadonho socorro do tolo “muito bem, apoiado!”.

142. Nunca, por teimosia, tomar o pior partido.

Só porque o adversário se adiantou e escolheu o melhor. Trata-se de uma batalha já perdida e sairíamos desmoralizados. O fracasso não combina com o bom. Foi esperteza de seu oponente se adiantar na escolha, e seria estupidez sua defender o pior. Os obstinados nas ações correm mais perigo do que os teimosos nas palavras, pois há mais risco em fazer do que em dizer. A vulgaridade dos teimosos prefere a contradição à verdade, e a disputa à utilidade. Os cautelosos ficam ao lado da razão, não da paixão, seja porque a anteviram desde o início ou porque corrigiram a rota. Se o adversário for tolo, a insensatez o fará mudar o curso, trocar de lado e mudar a posição. Para afastá-lo só há um remédio: aderir a ele. A tolice o fará mudar e a própria teimosia o abaterá.

143. Não ser paradoxal só para fingir do vulgar.

Os dois extremos trazem descréditos. Tudo o que não condiz com a dignidade é uma espécie de tolice. O paradoxo é como um tipo de engano que parece plausível a principio o nos surpreende com sua novidade picante. Mas depois, quando se revela o logro, traz o desengano. Possui um certo encanto falso, e na política pode arruinar Estados. Aqueles que não conseguem se destacar pela virtude enveredam pelo caminho do paradoxo, surpreendendo os tolos e parecendo verdadeiros até para os homens prudentes. O paradoxo decreta fraqueza de discernimento e falta de prudência. Baseia-se em falsidade ou incerteza, e põe o que é importante em risco.

144. Entrar concedendo e sair vencendo.

Eis uma estratégia para se conseguir o que se quer. Até nas questões do céu, nossos mestres Cristãos recomendam está astúcia inocente. Trata-se de um tipo de dissimulação importante, engodo usado para apanhar a vontade de alguém. Você demonstra ter em mente os interesses dele, mas só para abrir caminho para os seus. Nunca trate questões irrefletidamente, em especial se estiver em solo pantanoso. Cuidado com aqueles cuja primeira palavra costuma ser não. O melhor é encobrir a intenção, de modo que eles não percebam as dificuldades de consentir, principalmente quando já se pressentiu resistência. Está máxima cabe aos que têm segundas intenções, e exige a mesma astúcia quintessencial.

145. Não expor o dedo machucado.

Ou tudo vai bater nele. Nunca se queixe dele, sempre mira malícia onde nos dói ou enfraquece. Mostre-se melindrado e irá apenas encorajar-se os outros a fazerem troça de você. A má intenção está sempre à cata do modo de lhe pregar uma peça. Usa a insinuação para descobrir onde dói, e conhece mil truques para cutucar as feridas. Nunca o atente se dê a conhecer, nem exponha os problemas, tanto pessoais quanto herdados, pois até a sorte às vezes gosta de nos ferir no ponto nevrálgico. Sempre vai direto à carne viva. Por isso não deve revelar o que o flagela e o que o reanima, para que o primeiro não dure e o último não termine.

146. Ver o íntimo.

As coisas geralmente não são o que parecem. A ignorância, que nada vê além da casca, muitas vezes se transforma em desengano quando penetra no interior das coisas. Em tudo, a mentira chega primeiro, arrastando consigo os tolos numa vulgaridade infundável. A verdade chega sempre depois, por última, coxeando junto com o tempo. Quem é sensato reserva um dos ouvidos para a verdade, agradecendo a mãe comum, a Natureza, por nos tê-lo dado em dobro. O acerto vive retirando em seu interior, de modo a ser mais estimado pelos sábios e os discretos.

147. Não ser inacessível.

Ninguém é tão perfeito para não precisar de uma advertência. Aquele que não ouve é um tolo incorrigível. Mesmo o mais altivo deve levar em conta os conselhos amigáveis, e até os soberanos não devem desprezar o aprendizado com outros. Alguns são incorrigíveis por serem inacessíveis, e caem porque ninguém ousa se aproximar para ampará-los. Os mais inflexíveis devem deixar a porta aberta para a amizade; será a porta do socorro.

Todos precisamos de uma amigo que tenha liberdade para nos repreender e aconselhar. Nossa confiança lhe outorgou tal autoridade, e o alto conceito advém da lealdade e da prudência. Não devemos dedicar respeito e confiança a qualquer um, mas bem no âmago de nossa prudência precisamos do espelho fiel de um confidente. Se estimarmos esse espelho, ele nos livrará do engano.

148. Possuir arte da conversação.

É o que revela ser uma pessoa verdadeira. Nenhuma atividade humana exige mais atenção por ser a mais comum. É aqui que ganhamos ou perdemos. Requer siso escrever uma carta, que é a conversa refletida e escrita, e ainda mais conversar, pois a discrição é logo posta à prova. Os entendidos tomam pulso da alma baseados na linguagem, e baseado nisso um sábio disse: "Fale, e será conhecido". Para alguns, a arte da conversação está em falar sem arte, deixando-a cair livremente, como a roupa. A idéia talvez seja válida quanto à conversa entre amigos. Mas, nos círculos mais elevados, a conversação deve ser mais formal, revelando a excelente substância da pessoa. Para que a conversa seja bem aceita, tem de se adaptar ao caráter e inteligência dos interlocutores. Não banque o censor de palavras- pois será tomado como um pedante gramático-, e muito menos o fiscal das opiniões- o que fará que seja evitado pelos demais, impedindo-o de se comunicar. Na conversa, a discrição é mais importante que a eloquência.

149. Deixar outro levar o golpe.

Este será seu escudo contra a malevolência; é boa política daqueles que governam. Fazer um testa-de-ferro levar a culpa pelo fracasso e ser condenado pelos falatórios não é falta de capacidade,

conforme a malícia pensa, mas uma habilidade superior. Nem todos podem se sair bem, nem é possível contentar a todos. Portanto, procure um bode expiatório, alguém que será um bom alvo devido à própria ambição.

150. Saber vender suas coisas.

Qualidade intrínseca não basta. Nem todo mundo apanha a substância ou procura o valor real; acompanham a multidão; vão porque vêem outras pessoas indo. Precisa de muito tino explicar o valor de uma coisa. Pode-se usar elogio, pois os louvores atizam o desejo. Noutras ocasiões, pode-se realçar as coisas dando-lhes bons nomes, mas evite que sejam afetados. Outro segredo é oferecer algo apenas aos entendidos, já que todos pensam em ser um, e aquele que não é vai querer ser. Nunca elogie algo por ser fácil ou comum: fará com que pareça mais vulgar que acessível. Todos buscam algo único. A singularidade alicia tanto gosto quanto o intelecto.

151. Pensar antecipadamente.

Hoje para amanhã - até para mais dias depois. A maior providência é ter horas para dedicar ela. Para os precavidos não existe o azar; nada de apuros para os preparados. Não deixe o raciocínio para as situações difíceis; antecipe-se. Questões difíceis exigem reconsideração madura. O travesseiro é uma sibila muda; é melhor dormir sobre os problemas do que sofrer acordado debaixo de seu peso. Alguns agem e só então pensam: isso é procurar desculpas em vez de conseqüências. Já outros não pensam nem antes, nem depois. Durante toda vida há de se pensar para acertar o rumo. A reconsideração e a providencia constituem uma boa maneira de viver antecipadamente.

152. Não cultivar a companhia daqueles que o farão parecer menos dotado.

Quer por serem superiores como inferiores. Aquele que excede em perfeição excede em estima; fará sempre o papel principal, e você, o secundário, e, se conseguir alcançar o apreço, serão restos e sobras. Quando sozinha, a lua brilha mais que as estrelas, mas, tão logo o sol sai, ou não aparece, ou desaparece. Não se ligue a quem possa eclipsá-lo, mas apenas áquele que lhe dará realce. Desta forma, a prudente da fábula de Marcial conseguia parecer bela e radiante entre suas criadas feias, sem trato. Não ande mal acompanhado, nem exalte outros em detrimento de sua própria reputação. Para crescer, associe-se aos superiores; uma vez crescido, aos medianos.

153. Fugir das lacunas deixadas por alguém.

Caso o faça, certifique-se de que possui talento mais que suficiente. Só para se igualar ao antecessor, você tem de ter o dobro de valor. Assim como é ardiloso fazer que nos prefiram a nosso sucessor, requer sutileza evitar ser ofuscado pelo predecessor. Preencher um grande vazio é difícil, porque no passado sempre parece melhor. Não basta igualar-se ao predecessor; aquele que veio primeiro está em vantagem. É preciso um talento extra para destituí-lo de sua reputação superior.

154. Não ter pressa para acreditar, nem para querer.

Percebe-se a maturidade pela demora em acreditar. A mentira é comum; que o acreditar seja incomum. Conclusões apresentadas

levam facilmente ao engano. Contudo, não duvide abertamente da veracidade dos outros. Ao tratar

Alguém como mentiroso, ou afirmar que ele foi enganado, seria descortês e afrontoso. Há uma desvantagem ainda maior: não acreditar nos outros sugere que nós mesmos não somos merecedores de crédito. O mentiroso sofre duas vezes: nem acredita, nem é acreditado. Os sensatos retardam o julgamento sobre o que ouvem. E não tem pressa no querer, tampouco. Aconselha-nos um autor. Mente-se com palavras, mas também com ações, e o último tipo de logro causa um dano maior.

155. Habilidade em dominar os diferentes tipos de paixão.

Sempre que possível, deixe a prudente reflexão se antecipar aos ímpetos das paixões. Os sensatos o farão com toda facilidade. A primeira coisa a fazer quanto se exalta é perceber que está perdendo a calma. Para começar, deve controlar as emoções e então decidir se acalmar. Com tal tipo de cautela superior, acaba-se rapidamente com a raiva. Saiba quando parar, e faça-o no momento certo; o mais difícil na corrida é parar. É grande prova de juízo permanecer lúcido nos momentos de loucura. Todo excesso de paixão obscurece a razão, mas, com tal atitude, a raiva nunca tomará conta de você ou fará com que passe por cima da sindérese. Para obter o melhor de uma paixão, segure-lhe as rédeas com atenção. Você será o primeiro homem lúcido a cavalo, e talvez o último.

156. Selecionar os amigos.

Devem ser analisados pela descrição, testados pelas mutações da fortuna e ter comprovada não apenas a força de vontade, como

também a compreensão. E apesar de boa parte do sucesso depender disso, pouco se lhe dispensa cuidado. Algumas amizades se adquirem através da diversão, a maioria, por mero acaso, Somos julgados pelos amigos que temos, e os sábios nunca se dão com tolos. Gostar da companhia de alguém não faz deste um amigo íntimo. Às vezes, apreciamos seu senso de humor, embora sem confiar totalmente em sua capacidade. Algumas amizades são legítimas outras, adúlteras: as últimas são para o deleite, as primeiras são férteis de acertos. O discernimento de um amigo vale mais do que a boa vontade de muitos outros. Portanto, que a escolha domine, não o acaso. Os amigos sábios afugentam dissabores, enquanto os tolos os acumulam. E não deseje sorte demais a seus amigos caso queira conservá-los. Poucos têm amizade pelas pessoas, muitos pela fortuna.

157. Não se enganar com as pessoas.

É a pior e mais freqüente maneira de ser ludibriado. Melhor ser enganado no preço do que na mercadoria. Nada exige um exame mais cuidadoso. Há grande diferença entre entender as coisas e conhecer as pessoas, e é uma grande arte conhecer os temperamentos e perceber as diferenças de humor. A natureza humana deve ser estudada com tanto cuidado quanto os livros.

158. Saber usar os amigos.

É preciso a arte da discrição. Alguns são intoleráveis na proximidade quando próximos, e outros, quando distantes, e aquele que não é bom para conversa pode ser bom para correspondência. A distancia purifica certos defeitos. Não se deve buscar só prazer nos amigos, mas também proveito. Um amigo é tudo, e a amizade apresenta as três qualidades do bem: unidade, bondade e verdade.

Poucos prestam para bons amigos, e o não saber escolhê-los torna-os ainda mais raros. Saber conservar um amigo é mais importante do que conquistar um novo. Procure amigos duradouros e, no caso dos novos, satisfaça-se com a idéia de que um dia serão velhos. Os melhores de todos são os bens salgados, com os quais dividimos muitas experiências. A vida sem amigos é um deserto. A amizade multiplica o bem e partilha os males. É o único remédio contra a adversidade e um desafogo para a alma.

159. Saber tolerar os tolos.

Os sábios são menos tolerantes, já que a muita ciência adquirida lhes diminuiu a paciência. O muito conhecimento é difícil de satisfazer. Epicteto diz que a mais importante regra da vida está em saber tolerar todas as coisas: com isto, ele resumiu metade da sabedoria. Para suportar toda tolice é preciso muita paciência. Às vezes suportamos mais daqueles de quem mais dependemos, o que é grande exercício de autodomínio. A paciência nos traz uma inestimável paz interior, que é a felicidade da terra. E quem não sabe como agüentar os outros deve se recolher em si próprio, se é que consegue se tolerar.

160. Falar com prudência.

Cautelosamente com os rivais e decentemente com todos os demais. Sempre há tempo para proferir uma palavra, mas não para fazê-lo voltar. Fale como se redigisse seu testamento: quanto menos palavras, menos processos judiciais. Treine em coisas pouco importante para saber das mais importantes. A arcanidade tem um ar de divindade: aquele que fala levemente está muito perto de ser vencido e convencido.

161. Conhecer os próprios defeitos que nos são caros.

Até o homem mais perfeito não escapa deles, e casa-se ou amanceba-se com eles. Existem defeitos do intelecto, e eles são maiores- ou se percebem mais- em pessoas de grande inteligência. Não porque a pessoa não o conheça, mas porque os ama. Dois males em um: paixão voltada aos vícios. Trata-se de de nódoas na perfeição. Ofendem os outros, mas a nós parecem belos sinais de perfeição. Aqui o corajoso deve exercer autodomínio, e aumentar seus demais dons, pois os defeitos são notados rapidamente por todos. Em vez de admirarem nosso talento, se detêm em nosso defeito, usando-o para diminuir nossos outros dons.

162. Vencer a inveja e a malevolência.

Pouco adianta mostra-se indiferente, embora seja prudente. Comporte-se com generosidade e você conseguirá muito mais. Não há aplauso que chegue para quem falar bem de alguém que fala mal de nós; não há vingança mais nobre do que vencer e atormentar a inveja com mérito e talento. Cada um de nossos sucessos será uma tortura para nossos desafetos, e nossa glória será o inferno para todos os rivais. Trata-se do maior dos castigos; transformar a felicidade em veneno. O invejoso não morre apenas uma vez, mas tantas vezes quanto o invejado é aplaudido. A fama duradoura para o invejado significa castigo eterno para o invejoso. O primeiro vive para sempre com suas glórias, o último, com suas penas. Os clarins da fama soam a imortalidade para um, e toque de silêncio para o outro, condenando-o ao cadafalso da invejosa suspensão.

163. Não se tornar infeliz por compaixão aos infelizes.

O que um considera desgraça o outro considera sorte. Não há uma pessoa feliz sem que muitas sejam infelizes. É freqüente os infelizes ganharem a compaixão daqueles que querem compensá-los com um privilégio inútil dos desfavores da sorte. Aquele que era detestado de todos na prosperidade de repente ganha piedade de todos. Sua queda transforma a vingança em compaixão. Requer argúcia observar como a sorte dá as cartas. Há os que se ligam somente aos infelizes. Detêm-se ao lado da alma desventurada da qual fugiram quando felizes. Às vezes, a atitude revela uma nobreza interior, mas é tudo, menos sagaz.

164. Deixar alguma coisa no ar.

Para verificar a aceitação e a receptividade principalmente quando não se tem certeza do agrado ou do sucesso. Isto lhe permite um ensaio dos resultados e permite decidir entre prosseguir ou retirar-se. Sondando a vontade dos outros, o sensato sabe onde tem os pés. A precaução é importantíssima no pedir, no querer e no reger.

165. Fazer uma guerra limpa.

Pode - se obrigar o sábio a fazer a guerra, mas não com baixeza. Cada um deve agir como é, não como o obrigaram. Comportar-se de forma cavalheiresca com os rivais é louvável. Lute não apenas para ganhar poder, mas também para mostrar modos superiores. Vencer sem nobreza não constitui vitória, mas rendição. A generosidade é característica de superioridade. O homem de bem

não usa armas proibidas, a exemplo das que adquirimos ao romper com um amigo. Mesmo quando a amizade termina em ódio, lance mão da confiança que um dia depositaram em você. Tudo o que cheira a traição contamina sua reputação. Nos homens de bem se estranha qualquer átomo de baixeza. A nobreza jamais se coaduna com a vilania. Deveria poder se orgulhar de que a cortesia, a generosidade e a lealdade, se perdidas no mundo, poderiam ser encontradas em seu peito.

166. Distinguir o homem de palavras de ações.

Trata-se de uma distinção muito necessária, como a que se faz entre amigo que o valoriza como pessoa e o que valoriza sua posição. Más palavras, mesmo sem más ações, já são bastante ruins. Mas é ainda pior, quando não se têm más palavras, ter más ações. Não se comem palavras, que são vento apenas, nem se vive de cortesia, que é um logro cortês. Caçar aves com espelhos é uma verdadeira armadilha. Só os fúteis se satisfazem com o vento. Para conservar seu valor, as palavras devem ser o penhor das ações. As árvores que não dão frutos, Sá folhas, geralmente não têm coração. É preciso reconhecer as frutíferas e quais as que servem apenas para sombra.

167. Ser autoconfiante.

Nas grandes aflições, não há companhia melhor do que um coração forte. Se for fraco, ajude-o com as partes do corpo a ele vizinhas. Quem se ajuda suporta melhor as atribulações. Não ceda à sorte, ou esta se ajudam no próprio trabalho, duplicando-o por não saberem como levá-lo. Aquele que conhece a si próprio supera

sua fraqueza com reflexão, e os sensatos conseguem vencer tudo, até as estrelas.

168. Não se torne um monstro de insensatez.

São tantos os fúteis, presunçosos, teimosos, excêntricos, convencidos, extravagantes, paradoxais. Frívolos, desejosos de novidade, os indisciplinados.. todos monstros de impertinência. A monstruosidade espiritual é pior do que a deformidade de corpo, porque contradiz uma beleza superior. Mas quem corrigirá toda essa leviandade comum? Onde falta sindérese, a observação cuidadosa foi posta de lado por um mal concebido desejo de aplausos imaginários.

169. Melhor evitar errar uma vez do que acertar cem vezes.

Ninguém olha diretamente para o sol resplandecente, mas todos o fazem quando está eclipsado. Muitos acertos não granjeiam tanto a atenção geral quanto o único fracasso. Os maus são mais conhecidos e são mais murmurados que os bons são aplaudidos. Muitos eram praticamente desconhecidos até delinqüirem, todos os seus sucessos não bastam para encobrir um único deslize. Não se iluda, pois a malevolência notará todos os seus defeitos e nenhuma de suas virtudes.

170. Ter reserva em todas as coisas.

Não gaste todos os seus talentos nem ostente todas as suas forças em qualquer circunstancia. Mesmo no conhecimento,

resguarde uma parte: você duplicará suas perfeições. É preciso sempre ter algo para uma emergência. Um socorro oportuno é mais valorizado do que um ataque audacioso. A prudência sempre segue por caminhos seguros. Nesse sentido, podemos aceitar o paradoxo malicioso: a metade é muito mais do que o inteiro.

171. Não desperdiçar os favores.

Reserve os amigos importantes para grandes ocasiões. Não gaste as boas graças deles para coisas de pouca importância. Poupe a âncora sagrada até ver-se realmente em perigo. Se trocar muito por pouco, o que sobrar para mais tarde? Não há nada de mais valia do que poder se valer de alguém, nem nada mais precioso que o favorecimento: faz e desfaz, no mundo, podendo até atribuir talento e retirá-lo. Os sábios, favorecidos pela natureza e pela fama, foram invejados pela sorte. É ainda mais importante conservar e ter pessoas do que agarrar-se a posses.

172. Nunca competir com alguém que não tem nada a perder.

A luta será desigual. Um dos competidores entra na briga com desembaraço, pois já perdeu tudo, até a vergonha. Desligou-se de tudo, não tem mais nada a perder e por isso se atira de cabeça a qualquer impertinência. Nunca exponha sua preciosa reputação a tamanho risco. Você levou muitos anos para conquistá-la, e pode perdê-la num instante, por algo nada de valor insignificante. Um sopro de escândalo congela muito suor honrado. O homem de respeito sabe que tem muito a perder. Sabe o que pode prejudicar sua reputação e, por se empenhar com cuidado, procede devagar, de modo que a prudência tenha bastante tempo para se retirar.

Nem com a vitória irá recuperar o que perdeu, expondo-se ao risco de perder.

173. Não ser de vidro no trato.

Menos ainda na amizade. Há os que quebram muito facilmente, relevando sua fragilidade. Enchem-se de mágoas e aos outros de aborrecimento. São mais sensíveis que a pupila dos olhos, que não pode ser tocada, nem por brincadeira, nem a sério. Ofendem-se com ninharias: não é preciso coisa séria. Quem lida com eles deve observar extrema cautela, e nunca esquecer a delicadeza. A menor desfeita os provoca. Cheios de si, são escravos do próprio capricho, pelo qual desrespeitam tudo o mais, além de idólatras da própria honrazinha. A condição de amante tem a metade de diamante, na duração e na resistência.

174. Não viver às pressas.

Se sabe organizar as coisas, você saberá desfrutá-las. A muitos sobra tempo de vida já tendo acabado a felicidade. Desperdiçam as alegrias, por não saboreá-las e depois querem voltar atrás. O tempo lhes passa devagar demais, e postilhões da vida, apressam-na com seu próprio temperamento precipitado. Querem devorar num dia aquilo que mal conseguiriam digerir numa vida. Antecipam a felicidade, gastam por conta do porvir e, uma vez que estão sempre com pressa, logo acabam com tudo. Até no desejo de conhecimento é preciso moderação, de modo que as coisas não sejam mal aprendidas. Têm-se mais dias, do que alegrias. Seja rápido para agir, lento para apreciar. Os feitos são bons, e a satisfação é pior, quando acabados.

175. Homem de peso.

Quem não é se conforma com aqueles que também não são. Infeliz é a superioridade não baseada em substância. Nem toda personalidade ostentada é real. Existem impostores que concebem quimeras e dão à luz o engodo, e existem outros, similares a eles, que os incentivam e preferem a incerteza do logro, que é muita, à certeza da verdade, que é pouca. Por fim, seus caprichos acabam mal, porque não se baseiam na integridade. Só a verdade pode proporcionar uma verdadeira reputação, e só a substância é que lhe dá sustento. Um embuste exige muitos outros, e logo toda a construção medonha, fundada no ar, desmorona. Os disparates nunca chegam à velhice. Suas muitas promessas os tornam suspeitos, e suas provas os tornam impossíveis de aceitar.

176. Saber ouvir, ou ouvir alguém que sabe.

Para viver, precisamos de entendimento: ou nosso, ou emprestado. No entanto, muitos ignoram que não sabem, ao passo que outros pensam que sabem quando não sabem. Não há remédio para ataques de sensatez. Os ignorantes, por não conhecer a própria ignorância, nunca procuram o que lhes falta. Alguns seriam sábios se não acreditassem que já o são. Os oráculos de prudência são raros, mas todos são ociosos, pois ninguém os consulta. Pedir conselhos não irá diminuir a grandeza nem depõe contra a capacidade. Ao contrário, irá fortalecer sua reputação. Para combater o infortúnio, aconselha-se com a razão.

177. Não se tornar íntimo demais dos outros.

Nem permitir que se tornem de você. Perderá a superioridade que tinha por ser inatingível, e com ela a estima. Os astros não roçam em nós, e conservam o esplendor. A divindade impõe decoro, e a familiaridade facilita o desrespeito. As coisas humanas, quanto mais temos, são menos valorizadas, pois a comunicação revela os defeitos que a reserva ocultara. Não convém muita intimidade com quem quer que seja; nem dos superiores, pois é perigoso; nem dos inferiores, pois é indigno; e muito menos da vilania, que é tola e insolente. Não percebe que lhe fazemos um favor, pensa que se trata de nossa obrigação. Familiaridade rima com vulgaridade.

178. Confiar no coração, principalmente se ele for forte.

Nunca o contrarie, pois ele normalmente consegue prognosticar o que mais importa: é um oráculo caseiro. Muitos pareceram daquilo que mais temiam; mas de que adiantou temer sem se precaver? Alguns têm um coração muito leal: vantagem de uma natureza superior que sempre os previne e faz soar o alarme, para prevenir o infortúnio. Não é prudente atirar-se aos reveses, mas sim encontrá-los a meio caminho, a fim de vencê-los.

179. O sigilo é o selo do talento.

Um peito sem segredo é uma carta aberta. Cuide de ter profundezas nas quais possa esconder seus maiores segredos: grandes espaços e pequenas enseadas onde as coisas importantes podem se ocultar. A reserva se origina do autocontrole, e o ser reservado é um triunfo autêntico. Pagamos tributo a quantos devassam nosso íntimo. Ameaçam o sigilo aqueles que nos sondam, que nos contradizem a fim e nos manipular, ou que se espicaçam

para fazer até o mais astuto se trair. Não diga o que vai fazer, nem faça o que disse.

180. Nunca se orientar pelo que seu inimigo deveria fazer.

O tolo nunca faz o que o sensato prevê que fará, pois não entende o que convém. Não o fará, tampouco, se for discreto, pois tentará encobrir a intenção que disponha de ambos os modos e, quiçá, já frustramos. Analise os dois lados das coisas antes de resolver. Tente permanecer imparcial diante das possibilidades. Não pense no que irá acontecer, pense no que poderia ser.

181. Sem mentir, contar toda a verdade

Nada requer mais tato do que a verdade, que é como sangrar o coração. É preciso habilidade tanto para dizê-la quanto para omiti-la. Uma simples mentira pode a perder a reputação de honestidade. O enganado parece falho e, o que é pior, o enganador é tido por falso. Nem todas as verdades podem ser ditas: algumas devem ser guardadas por nosso próprio bem, outras pelo bem de alguém mais.

182. É prudente mostrar um pouco de audácia.

Convém moderar o conceito dos outros, para não os ter em tão alta conta a ponto de temê-los. Nunca permita à imaginação subjugar o coração. Muitos parecem grandes até que lidamos com eles, e a comunicação leva com mais freqüência à decepção do que à estima. Ninguém consegue exceder os limites estreitos do saber

humano. Todos têm um senão, uns de caráter, outros de talento. Alta posição social confere uma autoridade aparente, mas poucas vezes é associada ao mérito pessoal, pois a sorte muitas vezes pune quem está numa posição alta concedendo-lhe menos talento. A imaginação sempre toma a dianteira e faz as coisas parecerem maiores do que são. Concebe não só o que existe, mas o que poderia existir. A razão, com a experiência dos desenganos, deve ver com clareza e corrigir; os tolos não devem ser atrevidos, nem os virtuosos, temerosos. E se a audácia é útil aos tolos, não ajudará os sábios e corajosos?

183. Não insistir.

Os tolos são teimosos, e os teimosos são tolos, e , quanto mais errôneo o julgamento, maior a tenacidade. Mesmo estando certo, é de bom gosto ceder: que não se ignora quem tem razão, e se admira a cortesia. Mais se perde insistindo do que se pode ganhar convencendo. Ao insistir defende-se não a verdade, mas a grosseria. Existem cabeças duras, difíceis de se convencer, irremediavelmente obstinadas. Capricho e teimosia, juntos, casam-se para sempre como tolice. Seja firme na vontade, não na opinião. Há casos excepcionais, é claro, em que não se deve perder e ser vencido duplamente: primeiro no julgamento e depois na execução.

184. Não fazer cerimônias.

Mesmo nos reis, tal afetação foi celebrada como excentricidade. Quem é muito formal é enfadonho, e existem países inteiros atacados por tal delicadeza. As roupas dos tolos -idólatras da própria honra - se costumam com esses pontos, e revelam que sua honra tem alicerces bem frágeis, pois tudo parece ofendê-los. É bom exhibir boas maneiras, mas não se tomado como mestre- de -

cerimônias. É fato que a pessoa totalmente sem cerimônia precisa de grandes virtudes para não fazer fiasco. A cortesia não deve ser exagerada, nem menosprezada. Não mostra grandeza aquele que se atém a ninharias.

185. Não arriscar a reputação num único lance desfavorável.

Se o resultado for mau, o dano será irreparável. É comum errar, em especial na primeira vez. Nem sempre é propícia a ocasião, nem todos os dias são "nossos dias". Permita pois que uma segunda tentativa compense a primeira.. e a primeira tentativa, se bem sucedida, compensará a segunda. Sempre deve ter recursos para o aperfeiçoamento e a apelação. As coisas dependem de muitas contingências, e a felicidade nos concede sucesso de vez em quando.

186. Saber reconhecer os defeitos.

Por mais autorizados que estejam. O integro reconhece o vício mesmo quando ele se veste de brocado: mesmo usando uma coroa de ouro, não consegue esconder a ferrugem. Não perde a escravidão a infâmia mesmo que a desminta a nobreza do escravo. Os vícios podem ser realces. Alguns vêem que certa personalidade não teve determinado defeito, mas não vêem que não foi herói devido àquilo. O exemplo superior é tão convincente que faz os outros imitarem até sua feiúra. A adulação imita até mesmo defeitos do rosto, sem dar-se conta de que aquilo que a grandeza se tolera na baixaza é execrado.

187. Fazer aquilo que for favorável, deixar para os outros o que for odioso.

Com o primeiro ganhamos estima, com o outro nos afastamos da malevolência. Os grandes homens preferem praticar o bem a receber; é a felicidade de sua generosidade. É raro dar desgosto a alguém sem ser amolado, seja por compaixão, seja por remorso. As causas superiores agem através de prêmios ou castigos. Em questão de recompensa que bem seja administrado de imediato, e o mal, indiretamente. Deve-se ter alguém em que o vulgo possa descarregar o descontentamento com ódio e falatório. A raiva vulgar é como a canina. Sem perceber a causa do seu mal, volta-se contra o instrumento. E a mordalha, embora não tenha culpa, leva o castigo de imediato.

188. Descobrir algo para elogiar.

Dá prova do seu gosto e revela aos outros que se formou em meio excelente, fazendo-os desejar sua estima. Aquele que conheceu a perfeição irá valorizá-la onde quer que apareça. Falar bem dos outros fornece matéria para conversação e para imitação. É uma maneira política de vender cortesia às perfeições presentes. Alguns fazem o contrário: sempre encontram algo para criticar, lisonjeando os presentes e depreciando os ausentes. Isto dá resultado com os superficiais que não conhecem o ardil de se falar mal uns dos outros. Há aqueles que adotam a política de estimar mais as mediocridades de hoje do que as excelências de ontem. Que o atento perceba estas sutilezas da abordagem sem ceder ao exagero, nem à lisonja. E saiba que estes críticos têm o mesmo modo de proceder não importando na companhia de que estejam, sempre se amoldando às circunstâncias.

189. Tirar proveito das privações alheias.

A privação, quando leva ao desejo, nos proporciona o caminho mais eficaz para dominar. Os filósofos diziam que a privação não era nada, enquanto os políticos dizem que é tudo: os últimos estavam certos. Alguns transformam em degraus os desejos alheios para alcançar os próprios fins. Valem-se de circunstâncias e usam a dificuldade de obtenção para aguçar-lhe o apetite. Consideram o estímulo da falta mais proveitoso do que a frouxidão da posse, e, à medida que as coisas ficam mais difíceis, o desejo se torna mais ardente. Uma forma sutil de obter o que quer: conservar dependências.

190. Achar consolo em tudo.

Até os inúteis têm um consolo: são eternos. Não há mal que sempre dure; para os tolos o consolo é ter sorte. E a sorte é como diz o provérbio: "Os belos gostariam de ter tanta sorte quanto os feios". Para viver muito, é preciso valer pouco. O copo trincado não quebra; acaba por enjoar de tanto que dura. Parece que a sorte inveja as pessoas mais importantes. Recompensa a inutilidade com a duração e a importância com a brevidade. Os importantes serão sempre poucos, e os que não servem para nada, eternos, ou porque assim é. Quanto ao desventurado, sorte e morte parecem conspirar para esquecê-lo.

191. Não aceitar cortesia como pagamento.

É uma espécie de logro. Alguns, para enfeitiçar, não precisam de ervas mágicas da Tessália. Ao tirar o chapéu para cumprimentar do jeito certo, encantam os tolos, isto é, os presunçosos.

Mercadejam a honra e pagam as dívidas com um vento de palavras bonitas. Aquele que promete tudo promete nada; as promessas são um escorregão para os tolos. A verdadeira cortesia é um dever, a cortesia falsa, um ardil, e a cortesia falsa, um ardil e a cortesia expressiva não é dignidade, mas dependência. Quem a pratica reverencia não a pessoa, mas a riqueza e a lisonja; não às qualidades que reconhece, mas a favores esperados.

192. O pacato tem vinda longa.

Para viver, deixe viver. As pessoas pacíficas não vivem apenas, reinam. Ouça e veja, mas mantenha-se calado. Um dia sem tensões significa uma noite repousante. Viver muito e com gosto é viver duplamente: é fruto da paz. Tem tudo aquele que não se preocupa com aquilo que não importa. Não há bobagem maior do que levar tudo muito à sério. Manter-se aberto àquilo que não interessa é tão tolo quanto não se envolver com aquilo que interessa.

193. Cuidado com quem entra com a causa alheia para sair com a sua.

A melhor defesa contra a astúcia é a atenção. Contra um entendido, um bom entendedor. Alguns apresentam como negócio alheio seu próprio negócio, e , se não tomarmos cuidado em sempre perceber suas intenções, coloca-se a mão no fogo para que outro usufrua.

194. Ser realista quanto a si e quanto aos próprios interesses.

Ainda mais se está apenas começando a viver. Todos têm a si mesmos em alta conta, principalmente os que menos são. Cada um sonha com um grande destino e se imagina um prodígio. A esperança faz promessas mirabolantes, e a experiência falha em cumprir. Serve de tormento à imaginação vã a verdadeira realidade. Que a sensatez corrija semelhantes desacertos e, embora podendo desejar o melhor, esteja preparado para o pior, de modo a aceitar qualquer resultado com serenidade. É destreza mirar um pouco alto para ajustar o tiro, mas não tanto que seja desatino. Ao iniciar uma carreira, adapte suas expectativas. Onde falta a experiência, é freqüente as presunções se revelarem falhas. A inteligência constitui uma panacéia para todas as tolices. Conheça cada um seu campo de ação e sua posição e ajuste sua imaginação à realidade.

195. Saber apreciar.

Não existe ninguém que não possa ser mestre de alguém em alguma coisa, e não há quem exceda quem excede. Saber valer-se de cada pessoas é útil saber. O sábio estima a todos, pois reconhece o que há de bom em cada um e sabe como custa fazer algo bem - feito. O tolo despreza os outros, por ignorância do que é bom e porque sempre prefere o que é pior.

196. Conhecer a sua estrela- guia.

Ninguém é tão desamparado a ponto de não ter uma, e, se você é infeliz, é porque não a reconheceu. Alguns são recebidos por príncipes e poderosos sem saber como ou por quê, e a resposta é que a sorte os favoreceu, e o empenho pessoal ajudou. Outros têm as graças dos sábios: foram mais bem aceitos num país do que em outro, ou são mais reconhecidos numa certa cidade. Mesmo entre pessoas de mérito igual, algumas têm mais sorte em certas

atividades. A sorte embaralha as cartas do jeito que quer. Cada um conheça seus recursos e sua estrela- guia; que a siga e a ajude para não perder o rumo.

197. Nunca tropece em tolos.

Tolo é aquele que não reconhece um tolo e, ainda mais, aquele que o reconhece e não o descarta. Os tolos são perigosos para o trato superficial e perniciosos para a confiança. Durante algum tempo, eles podem ficar contidos por cautela própria ou pelo cuidado alheio, mas por fim fazem ou dizem tolices, e , se demoram, terá sido apenas para realizá-las solenemente. Quem não tem reputação não pode prejudicar a nossa. Os tolos são sempre infelizes - essa é a carga adicional da estupidez -, e ambos são contagiosos. Apresentam apenas uma coisa menos ruim: embora os sábios não lhes sejam de nenhuma utilidade, podem ser úteis aos sábios, quer como lembrete, quer como lição.

198. Saber mudar.

Há nacionalidades que só são reconhecidas após mudarem de lugar, e a regra é especialmente válida nas altas posições. As pátrias se comportam como madrastas para com os superiores. A inveja encontra nas origens solo fértil e reina sobre tudo, lembrando as imperfeições do início em vez a grandeza atingida. Um mero alfinete ganhou apreço ao se mudar de um mundo para outro, e uma conta de vidro fez as pessoas desprezarem o diamante. Tudo o que é estrangeiro goza de estima, seja por ter vindo de longe, seja por chegar já pronto e perfeito. Alguns foram desprezados em seu próprio berço, mas hoje são honrados no mundo todo. São estimados por sua própria gente porque esta os vê à distancia, e pelos estrangeiros por terem vindo de longe. A

estátua do altar nunca será venerada por alguém que a conheceu como simples tronco de árvore na floresta.

199. Cautela ao tentar granjear estima.

E não o faça intrometendo-se. O verdadeiro caminho para uma boa reputação é o mérito, e o esforço, se baseado no valor, é um atalho para a estima. Integridade apenas não basta, nem apenas solicitude, que é indigna, pois com ela as coisas se apresentam tão enlameadas que podem arruinar a reputação. No caminho do meio está a virtude: tenha mérito, mas também saiba valorizar-se.

200. Ter algo a desejar.

De modo a não se tornar infeliz por excesso de ventura. O corpo respira e o espírito anela. Quando possuir tudo, tudo será decepção e insatisfação. Mesmo o conhecimento precisa de algo mais para aprender, algo que seja aperitivo para a curiosidade. O anseio nos dá alento, mas a fartura de felicidade pode ser fatal. Ao recompensar os outros, nunca os deixe satisfeitos. Quando não querem nada, devemos temer tudo: sorte desafortunada. O medo começa onde termina o desejo.

201. Tolos são todos os que parecem tolos e metade daqueles que não parecem.

A tolice tomou conta do mundo; se resta algo da sabedoria, é insensatez diante da divindade. O maior tolo é aquele que acha que não é, só os outros o são. Para ser sábio não basta parecer sábio, nem, muito menos, parecer sábio a si próprio. Você mostra

sabedoria quando pensa que não sabe, e vê quando pensa que não vê. Embora o mundo esteja cheio de tolos, ninguém se julga um deles, nem receia ser um.

202. Palavras e feitos fazem um homem perfeito.

Diga o que é muito bom, faça o que é muito honroso. O falar mostra uma cabeça perfeita, o agir, um coração perfeito, e ambos são manifestação de um espírito superior. As palavras são as sombras dos feitos. As palavras são fêmeas, e os feitos, machos. Melhor ser louvado do que louvar os outros; é fácil falar e difícil fazer. Os feitos são a substancia da vida, e as falas, seu ornamento. A superioridade perdura nos feitos mas é fugaz. Os feitos são fruto da reflexão prudente. As palavras podem ser sábias, os feitos heróicos.

203. Conhecer as eminências de sua época.

Não são muitas. Uma fênix em todo o mundo, um grande capitão, um orador perfeito, um sábio em todo um século, um rei eminente entre muitos. As mediocridades são comuns em quantidade e valor. As eminências são raras, pois exigem a plenitude na perfeição, e, quanto mais elevada a categoria, mais difícil atingir o topo. Muitos tomaram para si mesmos o cognome de "macho", emprestando o nome de César e Alexandre, mas em vão; sem os feitos; tal palavra não passa de sopro de ar. Houve poucos Sênecas, e só um Apeles a fama consagrou.

204. Tratar o fácil como se fosse difícil, e o difícil como se fosse fácil.

De modo a não ficar confiante no primeiro nem desencorajado demais no segundo. Para que algo não se realize, basta considerá-lo feito. Mas o esforço vence a impossibilidade. Em momentos de grande perigo, nem sequer pense, simplesmente aja. Não empreste importância às dificuldades, para que não o intimidem.

205. Aprender a usar o desprezo.

Uma maneira sagaz de conseguir as coisas é desprezando-as. Quando se procura por elas, elas não estão lá, e mais tarde sem que as busquemos, elas vêm até nós. As coisas terrenas são as sombras das eternas e se comportam como sombras; fogem de nós quando as perseguimos e nos perseguem quando fugimos delas. O desprezo é a mais política das vinganças. Uma máxima sábia; nunca se defenda por escrito, pois esta deixa uma pista e glorifica aos rivais, em vez de puni-los por sua insolência. Os indignos, com astúcia, se opõem aos grandes homens: tentam ganhar fama por caminhos indiretos, tais que diretamente não merecem. Seriam desconhecidos se seus excelentes oponentes não fizessem caso deles. A maior vingança é o esquecimento: enterrar os outros no pó da própria nulidade. Temerariamente, tentam tornar-se imortais incendiando as maravilhas do mundo e dos séculos. O melhor modo de calar a malevolência é ignorá-la. Contestá-las causa prejuízo. Dar-lhes crédito traz descrédito. Contra a rivalidade, a complacência; pois a sombra do desdouro, ainda que não obscureça de todo a maior qualidade, diminui o brilho.

206. Saber que existe gente vulgar em toda parte.

Mesmo em corinto, e até na família mais distinta. Todo mundo já experimentou em sua própria casa. Não só existe gente vulgar,

como há os vulgares que, pelo seu berço, não o deveriam ser, e são ainda piores. Refletem as qualidades do vulgar, como os cacos de um espelho quebrado, mas prejudicam mais. Falam como tolos e censuram os outros com impertinência. Grandes discípulos da ignorância, padrinhos da estupidez, ávidos por maledicência. Não dê a mínima atenção ao que dizem, e menos ainda ao que sentem. Conheça-os, sim, a fim de livrar-se deles; não compartilhe de sua vulgaridade nem venha a ser objeto desta. Toda tolice é vulgaridade, e o vulgo se compõe de tolos.

207. Usar o autocontrole.

Muito cuidado sobretudo nos acasos. Os ímpetos das paixões são as armadilhas da prudência, e aí está o risco de se perder. Expomo-nos mais num único instante de fúria ou contentamento do que em muitas horas de indiferença. Corre-se um pouco às vezes, mas lamenta-se o fato pelo resto da vida. As intenções astutas alheias montam engodos para a prudência a fim de sondar as profundezas e penetrar na mente dos oponentes. Ao espionar segredos, chegam ao fundo dos maiores reservatórios. A contra estratégia? Ponderação, em especial nas emergências. É preciso muita reflexão para impedir uma paixão capaz de disparar como um cavalo; se for para domar o cavalo da paixão, será sábio. Aquele que prevê o perigo age com cautela. Uma palavra pronunciada no ímpeto da paixão pode parecer leve a quem diz, mas talvez se revele pesada àquele que a recebe e avalia.

208. Não morrer de ataque de idiotice.

Os sábios geralmente morrem como insensatos. Os tolos, ao contrário, morrem fartados de conselhos. Morre-se de idiotice quando se pensa demais. Alguns morrem por sentir tudo, outros

vivem por não sentir nada. Alguns são tolos porque não morreram de sentimento, e outros o são porque dele morrem. É bobagem sucumbir por excesso de entendimento. Alguns sucumbem por entender tudo, e outros vivem por não entenderem nada. Embora muitos morram de tolice, poucos tolos chegam a morrer de fato.

209. Livrar-se das tolices comuns.

Isto requer um tipo especial de bom senso. As tolices comuns são sacramentadas pelo uso generalizado. Alguns que resistiram a uma certa ignorância muitas vezes sucumbiram à ignorância comum. É vulgar nunca se contentar com a própria sorte, mesmo quando se trata da melhor, nem se descontentar com o próprio talento, mesmo quando se trata do pior. Insatisfeitos com a própria felicidade, cobiçam a dos outros. Também os de hoje elogiam as coisas de ontem, e os que estão aqui, as coisas que estão lá. O passado parece melhor, e tudo o que está distante goza de maior estima. Aquele que ri de tudo é tão tolo quanto quem se aflige com tudo.

210. Saiba usar a verdade.

A verdade é perigosa, mas um homem de bem não pode deixar de dizê-la. Aí é necessário o artifício. Os habilidosos médicos da alma inventaram um modo de adoçá-la, pois quando ela constitui uma desilusão, é a quintessência do amargor. A tarefa exige grande destreza e procedimento correto. Com uma mesma verdade, um lisonjeia e outro golpeia. Aos presentes, refira casos antigos. Ao tratar com bem entendidos bastam leves menções ou talvez seja melhor calar. Não se deve curar os príncipes com remédios amargos; para isto serve a arte de dourar os desenganos.

211. No céu tudo é alegria.

No inferno tudo é pesar. Na terra, que está no meio, temos ambos. Vivemos entre dois extremos e participamos de ambos. A sorte é mutável: nem tudo é felicidade e nem tudo é adversidade. Este mundo é um zero: por si só não vale nada. Junte-lhe o céu, e será muito. A indiferença às suas mudanças é uma questão de prudência; os sábios pouco se importam com a novidade. Nossa vida vai fazendo complexa como o teatro, portanto tome cuidado para que acabe bem.

212. Nunca revelar os estratagemas finais de sua arte.

Os grandes mestres são sutis na forma de revelar suas sutilezas. Conservam assim sua superioridade e mestria. Use a arte ao comunicar sua arte. Não esgote as fontes de ensinamentos ou revelação. Assim se preservam a reputação e a dependência. No ensinar, assim como no agradar, deve-se utilizar aquela grande lição: ir alimentando a admiração e elevando a perfeição pouco a pouco. A discrição é grande regra para viver e vencer, principalmente nos cargos mais elevados.

213. Saber contradizer.

Trata-se de um bom ardil para sondar os outros: eles se comprometem e nós não nos envolvemos em nada. A contradição é um estímulo que faz as paixões se abrirem. Mostrar descrenças faz as pessoas vomitar seus segredos; eis a chave para os peitos mais cerrados. Com extrema sutileza, pode-se sondar a vontade e o discernimento dos outros. O pouco caso sagaz a uma palavra que o

outro envolveu em mistério dará caça aos segredos mais profundos, fazendo-os pouco a pouco chegar-lhes à língua, de onde podem ser capturados pelas redes do engano ardiloso. A hesitação do cauteloso faz os outros perderem a cautela e descobrir seus sentimentos; de outra forma o coração permaneceria inescrutável. Fingir dúvida constitui a melhor gazua que sua curiosidade pode ter; descobrirá tudo o que quiser. Mesmo no aprender, é um estratagema o aluno contradizer o mestre, que se empenhará para explicar e fundamentar a verdade. Desafie alguém moderadamente e seu ensinamento será mais completo.

214. Não transformar uma tolice em duas.

É comum cometermos quatro para corrigir uma. Fazer concessões a uma mentira leva a outra, maior, e verifica-se o mesmo com a tolice. É sempre ruim apoiar a causa errada, e pior ainda não saber esconder o erro. A imperfeição nos onera, mas ainda é mais caro a defendermos. Em um descuido pode cair o maior dos sábios, mas não em dois; só se estiver pressionado, sem ter como refletir.

215. Prestar atenção a quem chega com segundas intenções.

O astuto distrai a vontade do outro a fim de vencê-la. Uma vez hesitante, é fácil convencê-la. Dissimula as intenções para obter o que quer e se põe em segundo plano a fim de chegar primeiro. O tiro acerta em quem não toma cuidado. Permaneça alerta enquanto as intenções estão despertas. Quando as intenções se ocultam no segundo plano, redobre a vigilância para reconhecê-las. A cautela deve ficar atenta a fim de perceber o artifício com que chegam; observe os rodeios para chegar ao que querem. Eles propõem uma

coisa e pretendem outra, voando em círculos com sutileza até atingirem o alvo de sua intenção. Cuidado pois com o que se concede. Às vezes, é melhor fazer os outros entenderem que você entendeu.

216. Expressar-se com clareza: não apenas com desembaraço, mas com lucidez.

Alguns concebem bem, mas parem mal, pois, sem clareza, os filhos da alma - conceitos -resoluções- nunca vêm a luz. São semelhantes àquelas vasilhas que abrigam muito mas vertem pouco; enquanto outros , ao contrário, dizem até mais do que sentem. O que a resolução é para a vontade, é a explicação para o entendimento: dois grandes dons. Os talentos claros são aclamados, os confusos foram muitas vezes venerados por não serem entendidos, e, às vezes, é bom ser obscuro, de modo a evitar a vulgaridade. Mas como podem os ouvintes compreender nossas palavras se nós não temos uma idéia clara do que estamos dizendo?

217. Não amar nem odiar para sempre.

Trata os amigos de hoje como se pudessem se tornar os piores inimigos amanhã. Uma vez que isso pode acontecer na realidade, que tal fato seja previsto. Não devemos dar armas aos vira-casacas da amizade; eles empreenderiam a maior guerra com elas. Ao contrário, com os inimigos, deixe a porta aberta para a reconciliação e que seja a da cortesia. Às vezes, a vingança se transforma em tormento, e a satisfação de ter ferido alguém freqüentemente é motivo de pesar.

218. Nunca agir por teimosia, apenas por reflexão.

Toda obstinação é um tumor - a filha da paixão, que nunca fez as coisas direito. Há quem transforma tudo em guerra, que se comporta como bandoleiro e gostaria de derrotar os outros em tudo o que faz. Não sabem viver pacificamente. Tais pessoas não sabem viver pacificamente e são particularmente prejudiciais para mandar e governar. Transformam o governo em quadrilha e fazem inimigos daqueles que deveriam ser obedientes como filhos. Querem fazer tudo sub-repticiamente, e conseguir as coisas através de intriga. Contudo, depois que os outros descobrem sua disposição paradoxal, zangam-se com eles e criam obstáculos à busca quiméricas, e portanto não conseguem nada. Empanturram-se com seus problemas, e os outros se comprazem com seu desgosto. Têm o discernimento afetado e, às vezes, o coração perverso. Tratando-se de tais monstros, o ideal é fugir para os antípodas e viver entre os selvagens. Pois a barbárie dos selvagens é mais leve do que a selvageria desses bárbaros.

219. Não se tornar conhecido pelo artifício.

Ainda que já não consiga viver sem ele. É melhor ser prudente do que astuto. Todos gostam de ser tratados com lisura, mas nem todos praticam. Não deixe que a sinceridade vire simplicidade, nem a sagacidade, astúcia. É melhor ser venerado como sábio do que temido como astucioso. Os sinceros são amados, mas freqüentemente enganados. O maior artifício é disfarçar o artifício, pois é tomado como embuste. A sinceridade floresceu no século de ouro, e a malícia, neste século de ferro. É uma honra ser considerado uma pessoa capaz; inspira confiança. Mas ser visto como astuto levanta a suspeita de sofisma e gera desconfiança.

220. Não podendo vestir a pele do leão, vista a da raposa.

Saber ceder a tempo é exceder. Aquele que consegue seu intento não perde a reputação. Na falta da força, use a destreza. Siga qualquer um dos dois caminhos: o real, de valor, ou o atalho do artifício. A destreza realiza mais do que a força, e os sábios têm derrotado os valentes mais vezes do que o contrário. Quando não se consegue o que se quer, corre-se o risco de ser desprezado.

221. Não ser provocador.

Comprometendo a si ou aos outros. Há quem seja tropeço para o próprio decoro ou para o alheio. Esses estão sempre a um passo da tolice. É fácil encontrá-los e difícil com eles conviver, pois são sempre infelizes. Não se satisfazem com cem contrariedades por dia.

Estão de pêlo eriçado e contradizem a todos e a tudo. Com o juízo às avessas, desaprovam tudo. Mas os que mais afligem nossa prudência são aqueles que nada fazem direito e falam mal de tudo. Há muitos monstros no vasto país da impertinência.

222. Homem comedido, sinal de prudência.

A língua é uma fera e, uma vez solta, é difícil devolvê-la às cadeias. A língua é o pulso da alma; os sábios a usam para diagnosticar nossa saúde; os atentos, para ouvir o coração. O problema é que aquele que deveria ser mais cauteloso costuma ser a menos. O sábio evita situações embaraçosas, aborrecidas, e mostra o quanto é senhor de si. É circunspecto; um Jano de

equidade, um Argos de observação. Antes tivesse Momo desejado olhos nas mãos a uma janela no peito.

223. Não ser excêntrico.

Seja por afetação, seja por inadvertência, alguns têm originalidades notáveis e fazem coisas extravagantes que são mais defeitos do que sinais de distinção. Assim como há quem seja conhecido por uma feiúra excepcional do rosto, existem os que são conhecidos por um certo excesso no comportamento. A excentricidade apenas fará chamar a atenção por alguma impertinência especial que provocará risos em alguns e irritação em outros.

224. Saber como levar as coisas.

Nunca contra a vontade, embora assim se nos apresentassem. Tudo tem direito e avesso. Se pegar na lâmina, a melhor irá feri-lo; a pior o defenderá se a segurar pelo cabo. Muitas coisas que causaram tristeza teriam causado alegria se suas vantagens tivessem sido também consideradas. Sempre há pós e contras; a artimanha consiste descobrir as vantagens para nós. As coisas têm aspectos diferentes quando vistas sob luz diferente. Portanto, olhe para elas à luz da felicidade. Não confunda o bem com o mal. Daí ocorre alguns encontram alegria em tudo, e outros, pesar. Eis aí uma boa defesa contra os reveses da sorte e uma ótima regra de vida, para qualquer circunstância e posição.

225. Conhecer o principal defeito.

Ninguém vive sem ter um contrapeso da sua melhor qualidade, e se a inclinação o favorece, subjuga a pessoa como um tirano. Comece a combatê-lo prestando-lhe atenção, identificando-o. Dê, para esse defeito, a mesma atenção que lhe é dada por quem o observa. Para ser senhor de si, deve refletir sobre si mesmo. Vencida essa imperfeição, que é a maior de todas, as outras se acabarão.

226. Cuidar para garantir o comprometimento.

Muita gente se comporta e fala não de acordo com o que é, mas como as obrigações lhe impõem. Qualquer um pode nos convencer do mal, embora às vezes seja inacreditável. O melhor e o maior daquilo que temos depende do respeito dos outros. Alguns se contentam em ter a razão de seu lado, mas isso não basta; é preciso ser diligente. Obrigar-se aos outros custa pouco e vale muito. Com palavras se compram obras. Não existe na casa do universo um único utensílio que, por mais insignificante, não seja necessário pelo menos uma vez por ano. Vale pouco, mas faria muita falta. Lembre-se de que cada um fala das coisas segundo seus afetos.

227. Não ceder à primeira impressão.

Alguns se casam com a primeira informação que recebem, e fazem das demais suas concubinas. Uma vez que a mentira é sempre primeira a chegar, não sobra lugar para a verdade. Não satisfaça sua vontade com o primeiro objeto que lhe ocorrer, nem o entendimento com a primeira proposta: assim você demonstrará pobreza de intelecto. Alguns são como vasos de barro novos: ficam impregnados com o primeiro aroma que lhes chega, seja a bebida

boa ou ruim. Os outros, quando descobrem tal limitação, começam a tramar com malícia. Os mal-intencionados tingem a credulidade da cor que querem. Sempre deve haver tempo para rever as coisas. Alexandre reservava seu outro ouvido para o outro lado da história. Preste atenção a seu segundo e terceiro informantes. Deixe-se impressionar facilmente demonstra incapacidade e está próximo da paixão.

228. Não ter a voz da maledicência.

Não se torne conhecido por difamar os outros. Não seja espirituoso às custas do próximo: isso é mais detestável que difícil. Todos vão se vingar e falar mal de você, e, considerando que você é um e os outros são muitos, será derrotado antes que os outros reconsiderem. Não fique contente com as desgraças, nem se quer as comente. O fofoqueiro é sempre detestável, e, ainda que trate com personalidades notáveis, estas irão prestigiá-lo pelos seus deboches, não pela sua prudência. E aquele que diz coisas ruins, ouve outras ainda piores.

229. Saber organizar a vida com bom senso.

Não confusamente, ao saber dos eventos, mas com previsão e bom senso. A vida sem descanso é penosa, assim como um longo dia de viagem sem pouso. O que se torna a vida agradável é a diversidade do conhecimento. Para uma vida bela, gaste a primeira etapa conversando com os mortos: nascemos para saber e conhecer a nós mesmos, e os livros nos transformam fielmente em pessoas. Passe a segunda etapa com os vivos: veja e registre tudo que há de bom no mundo. Nem todas as coisas se acham na mesma terra. Ao destruir o dote, o Pai universal às vezes deu

riqueza à filha mais feia. A terceira etapa da vida pertence inteiramente a você: filosofar é o prazer mais elevado de todos.

230. Abrir os olhos a tempo.

Nem todos que vêm têm os olhos abertos, nem todos os que olham vêem. Dar-se conta da realidade tarde demais não traz alívio, só pesar. Alguns começam a enxergar quando já não há nada para ver: desfizeram-se a casa e os interesses antes de encontrar a si próprios. É difícil dar compreensão a alguém e mais difícil é dar vontade a quem não tem compreensão. Aqueles que os rodeiam vão em voltas como fazem com os cegos, zombando deles. Sendo surdos a conselhos, não abrem os olhos para ver. E não faltam os que fomentem essa insensibilidade: pois seu ser consiste em que os outros não sejam. Infeliz o cavalo do cego: dificilmente engordará.

231. Nunca mostrar aos outros coisas inacabadas.

Que sejam apreciadas em sua perfeição. Todo início é disforme, e o que permanece é a imagem da deformidade. A lembrança de ter visto algo incompleto turva nosso prazer quando ele se completa. Apreciar um objeto grande num único olhar nos tolhe o julgamento sobre as partes, mas satisfaz nosso gosto. Antes de ser completamente, é nada, e, quando começa a ser, ainda está muito próximo do não-ser. Mesmo a iguaria mais deliciosa causa repulsa se vista quando está sendo preparada. Os grandes mestres cuidam de que seus trabalhos não sejam vistos em estado embrionário. Aprenda com a natureza, e não mostre até que seja apresentável.

232. Ter um pouco de comerciante.

Nem tudo deve ser especulação: é preciso ação. Os mais sábios são os mais fáceis de se enganar: embora saibam coisas extraordinárias, ignoram, não sabem nada das necessidades ordinárias da vida. A contemplação das coisas sublimes não deixa espaço para as corriqueiras, e, como ignoram as coisas básicas da vida - onde todos os demais são tão perspicazes -, ou são admirados, ou são considerados ignorantes pelo vulgo superficial. Portanto, que os sábios tenham um pouco de comerciantes, o suficiente para não serem ludibriados e ridicularizados. Saiba ser prático: pode não ser a preocupação mais elevada da vida, mas é a mais necessária. De que vale o saber se não for prático? Hoje em dia, o verdadeiro conhecimento está em saber viver.

233. Não confundir o gosto dos outros.

Causando pesar em vez de prazer. Alguns tentam agradar e acabam molestando, porque não entendem o caráter dos outros. A mesma coisa que lisonjeia alguns ofende outros. O que se considerou um favor se transforma em agravo. Às vezes, teria custado menos agradar do que aborrecer. Perde-se a gratidão quando se desconhece a forma de agradar aos outros. Se não entender o caráter de alguém, você não conseguirá satisfazê-lo. Eis por que alguns pensaram estar elogiando quando de fato insultaram: um castigo bem merecido. Outros pensam em agradar com a eloqüência, quando na realidade aborrecem a alma alheia com sua loquacidade.

234. Não confiar a própria reputação sem penhorar a honra alheia.

O dano por falar demais e as vantagens do silêncio devem ser recíprocos. Quando a honra está envolvida, o trato deve ser em

conjunto, e um deve zelar pela reputação do outro. É melhor não confiar nos outros, mas, se o fizer, que seja com arte, de modo que ceda espaço à prudência e à cautela. Dividam o risco, para que ambos sigam um mesmo interesse e seu confidente não se transforme numa testemunha contra você.

235. Saber pedir.

Não há nada mais difícil para alguns, ou mais fácil para outros. Há aqueles que não sabem negar; não é preciso uma gazua para lidar com eles. Outros têm o não como primeira resposta sempre, e neste caso requer-se habilidade. Com todos eles, aja oportunamente. Surpreenda-os quando estiverem alegres, após deleitar a mente e o corpo. Contudo, pode ocorrer que estejam atentos o bastante para perceber sua intenção. Os dias de regozijo são aqueles propícios à concessão de favores; pois a alegria flui do interior para o exterior. Não se aproxime ao ver alguém ter algo negado, porque já não existe o medo de dizer não. Também não se obtém nada dos tristes. Tornar a outra parte grata de antemão é uma troca a que os vilões não correspondem.

236. Transformar prêmios em favores.

É a destreza de grandes políticos. Conceder favores antes de recompensar o mérito demonstra ser homem de bem. Os favores antecipados são duplamente vantajosos: a rapidez de quem dá obriga mais a quem recebe, e a mesma dádiva, que seria dívida, transforma-se em crédito. É uma maneira sutil de inverter as obrigações, pois o que deveria ser um dever do superior para premiar passou a ser um encargo a ser cumprido pelo contemplado. A estratégia funciona só com homens de bem. Entre velhacos, antecipar a recompensa age como um freio, não como uma espora.

237. Nunca partilhar segredos com superiores.

Pensará partilhar peras, mas partilhará pedras. Muitos pereceram por serem confidentes. Eram como as colheres feitas de casca de pão, e se expuseram ao mesmo risco. Ouvir as confidências de um príncipe não é privilégio, mas um fardo. Muitos quebram o espelho que os lembra de uma feiúra. Não suportam ver aqueles que os vêem. Você não será bem visto se viu algo ruim. Que ninguém nos deva muita obrigação, em especial os poderosos. Mas, se assim for, que seja mais por benefícios que lhes proporcionamos do que por favores que nos fizeram. As confidências dos amigos são as perigosas de todas. Quem revela seus segredos a outro torna-se escravo dele, e tal constrangimento um soberano não suporta por muito tempo. Para recuperar a liberdade perdida, passará por cima de tudo, até da razão. Segredos, pois, nem ouça, nem os revele.

238. Saber a peça que lhe falta.

Muitos seriam pessoas completas se não lhes faltasse algo de que precisam para alcançar a altura de perfeição. Alguns seriam muito se cuidassem de muito pouco. Alguns carecem de seriedade, o que desmerece grandes talentos. Outros carecem de suavidade, cuja falta os próximos logo sentem, em especial quando detêm poder. Alguns carecem de atividade, e outros, de ponderação. Se notados, tais defeitos poderiam ser supridos facilmente; pois o cuidado pode fazer o hábito uma segunda natureza.

239. Não ser perspicaz demais.

É melhor ser prudente. Se souber mais do que convém, perderá ponto: eis o que acontece com a astúcia comum. A verdade assentada é mais segura. É bom ter entendimento, mas não ser pedante. Muita argumentação constitui uma espécie de controvérsia. É preferível um critério substancial que argumente o necessário.

240. Saber fazer-se de tolo.

Até a pessoa mais sábia às vezes lança mão dessa peça, e há ocasiões em que é melhor saber está em aparentar não ter nenhum. Não se deve ser ignorante, só fingir sê-lo. A sabedoria não tem importância para os tolos, e a sensatez para os loucos. Sendo assim, fale com cada um na sua linguagem. Tolo não é aquele que finge sê-lo, mas aquele que disso padece, pois não existe insensatez verdadeira onde chega o artifício. A fim de ser admirado pelos outros, use uma pele de asno.

241. Permitir caçadas, mas não caçar dos outros.

Agüentar uma brincadeira é um ato elegante, mas praticá-la pode ser provocação. O que se mostra mal-humorado numa festa é uma besta ainda maior do que aparenta. Brincadeiras bem-feitas são agradáveis, e saber aceitá-las é uma prova de capacidade. Mostrando-se irritado, você faz com que os outros o aborreçam de novo. O melhor é não ligar e o mais seguro é não tomar conhecimento. As mais sérias conseqüências surgiram sempre de brincadeiras. Não há nada que requeira mais atenção e destreza. Antes de começar, saiba quanto a índole do outro é capaz de tolerar.

242. Completar as vitórias.

Alguns começam tudo e nada terminam. De caráter volúvel, começam, mas nunca persistem. Nunca conseguem louvores porque não prosseguem com nada. Para eles, tudo termina antes do tempo. Para alguns, isso nasce da impaciência, que é típica dos espanhóis, assim como o belga é conhecido pela paciência. O último completa as coisas, o primeiro acaba com elas; suam até vencer a dificuldade, contentam-se em vencer, mas não sabem completar a vitória. Provam que podem mas não querem. Trata-se de um defeito: mostra de leviandade, ou de incapacidade. Se a empreitada vale a pena, compensa terminar. Se não compensa terminar, por que começar? Os sábios não se limitam a espreitar a presa; abatem-se.

243. Não ser totalmente columbino.

Que a astúcia da serpente se alterne com a candura da pomba. Nada é mais fácil que enganar um homem de bem; quem nunca mente e aquele que nunca engana confia. Ser enganado nem sempre é sinal de tolice; às vezes revela bondade. Dois tipos de

peçoas previnem-se do perigo: os escarmentados, que aprenderam às próprias custas, e os astutos, que aprenderam muito às expensas dos outros. É preciso ser tão sagaz em desconfiar quanto se é astuto em escapar dos ardis. Não seja bom a ponto de dar aos outros o ensejo de serem maus. Seja misto de serpente e de pomba; não um monstro, mas um prodígio.

244. Tornar os outros devedores.

Alguns transformam o favor próprio em alheio: dão a impressão ou fazem entender que concedem um favor quando na realidade estão recebendo. Alguns são astutos que parecem conceder honrarias ao pedir um favor; e honram os outros com as vantagens que obtêm. Arranjam as coisas de forma que parecem estar tendo trabalho ao receber serviço, invertendo assim, com tal artimanha, a ordem das obrigações. Criam dúvida a quanto a quem favorece a quem, compram o que há de melhor com elogios apenas. Ao mostrar que gostam de algo, concedem honra e lisonja. Afirmam seus direitos sobre a cortesia dos outros, transformando em dívida aquilo pelo que deveriam sentir-se gratos. Mudam assim o verbo obrigar de passivo para ativo, e são melhores na política do que na gramática. Trata-se de uma grande sutileza, mas é ainda maior argúcia surpreender alguém praticando-a : desfazer a troca , devolver-lhes suas homenagens e recuperar a vantagem.

245. Argumentar às vezes de maneira original.

É prova de um talento superior. Não estime quem jamais se lhe opõe, pois o faz por amor a si mesmo. Não se deixe enganar por lisonjas: não as recompense, condene-as. Considere uma honra ser recriminado, em especial por aqueles que falam mal de gente boa.

Seja seu pesar se suas ações agradam a todos; é um sinal de que não são boas, pois a perfeição é de poucos.

246. Não dar satisfação a quem não pediu.

E, mesmo quando pedem, é bobagem dá-la além do pedido. Excusar-se antes do solicitado é incriminar a si mesmo, e sangrar-se quando se está saudável é chamar a si mal estar e malícia. Desculpar-se de antemão desperta suspeitas adormecidas. Os cautelosos nunca demonstram entender as suspeitas alheias: isso seria procurar ofensa. Tentam desmenti-los com um comportamento correto.

247. Saber um pouco mais, viver um pouco menos.

Há quem pense ao contrário. Mais vale um bom ócio do que qualquer negócio. Nada nos pertence além do tempo, a única morada de quem não tem onde morar. A vida é preciosa, e é tão infeliz desperdiçá-la em tarefas sublimes. Não se sobrecarregue nem de ocupações, nem de inveja. Você atropelará a vida e sufocará o espírito. Alguns estendem este preceito ao saber, mas quem não sabe não vive.

248. Não ficar obcecado pelo último.

A impertinência sempre está nos extremos, e há homens que só crêem na última coisa que ouviram. Seus sentidos e vontades são feitos de cera: o último imprime sua marca, apagando todas as demais. Nunca podemos tê-los como ganhos, pois facilmente são

perdidos; cada um os tinge de sua cor. São maus confidentes: crianças que nunca crescem. Variando nos juízos e nos afetos estão sempre flutuando, com a vontade e o sendo coxos, perdendo para lá ou para cá.

249. Não começar a viver por onde se deve acabar.

Alguns descansam no começo, deixando a fadiga para o fim. Faça-se o essencial primeiro, e depois, se houver tempo, o acessório. Alguns querem o triunfo antes da luta. Outros iniciam o aprendizado com o que menos importa e adiam até o fim da vida aquilo que lhes poderia trazer fama e crédito. Outros ainda se desvanecem quando nem bem começaram a fazer fortuna. Ter método é essencial para saber e poder viver.

250. Quando argumentar às avessas?

Quando nos falam com malícia. Com alguns, tudo deverá ser às avessas: sim é não e não é sim. Se criticam algo, entenda que o têm em alta estima. Por cobiçá-lo para si próprios, tentam desacreditá-lo junto aos outros. Nem todo louvor é falar bem. Outros evitam elogiar o bom elogiando o mau. Embora aquele que não considera ninguém mau não haverá de ter ninguém bom.

251. Usar meios humanos como se os divinos não existissem, e os meios divinos como se não existisse nenhum humano.

Um grande mestre deu tal conselho, que dispensa comentários.

252. Não viver totalmente para si nem totalmente para os outros.

É um tipo vulgar de tirania. Se quiser ter inteiramente a si próprio, você quererá ter tudo para si. Quem é assim não sabe ceder, nem nas mínimas coisas, ou perder sequer uma parcela mínima de sua comodidade. Poucos solícitos, confiam em sua sorte, que muitas vezes os abandona. Convém pertencer aos outros de vez em quando, de modo que os outros possam nos pertencer. Quem tem um cargo público tem de ser um escravo público. Ou carregue o fardo, ou desista do cargo, conforme disse a velha senhora a Adriano. Ao contrário há quem seja totalmente dos outros, pois a insensatez sempre comete excessos, e este é um tipo de excesso muito infeliz. Não tem um dia, nem uma hora para si, dedicam-se completamente aos outros, o tal ponto que um deles foi chamado "o de todos". Mesmo no entendimento há os que para todos sabem e para si ignoram. Que o prudente entenda que ninguém o procura, e sim cada um procura o seu próprio interesse, e o que você pode fazer por ele.

253. Não se fazer entender facilmente.

A maioria não estima aquilo que compreende e venera o que não compreende. Para ter valor, as coisas precisam ser difíceis: se não o entenderam o terão em mais alta conta. Para ganhar respeito, mostre-se mais sábio e mais prudente do que seria necessário para o bom interlocutor. Mas faça-o com moderação. Os entendidos valorizam o siso, mas com os demais é bem certa imponência: mantenha-os decifrando sua mensagem, e não lhes dê oportunidade de criticá-lo. Muito elogiam sem que consigam dizer o que seja. Veneram tudo o que é oculto ou misterioso, e elogiam porque ouvem elogiar.

254. Não desprezar um mal por ser pequeno.

Pois ele nunca vem sozinho, mas sempre em cadeia, a exemplo da felicidade. Sorte e azar geralmente vão para onde já se encontram, e todos fogem dos azarados e se juntam aos felizardos. Até as pombas, apesar de toda a ingenuidade, voam para a torre mais branca. Ao azarado tudo falta: carece de si mesmo, de sua razão e de qualquer tipo de consolo. Não desperte o azar quando adormecido. Um tropeço não significa nada a principio, mas a este segue a queda sem rumo, fatal. Pois, assim como nenhum bem é completo, nenhum mal se acaba totalmente. Para o infortúnio enviado pelo céu, paciência, e para o terreno, prudência.

255. Saber fazer o bem.

Um pouco de cada vez, mas com freqüência. Não crie mais obrigações do que lhe possam retribuir. Aquele que muito dá não dá, vende. Não cobre agradecimentos, pois, vendo-se incapaz de agradecer, o devedor quebra a retribuição. Para perder amigos, basta obrigá-los demais; para não ter de pagar o favor, se afastam, transformando-se em inimigos. O ídolo não quer ver o escultor que o lavrou, e aquele que recebe um favor prefere não ver os olhos do benfeitor. Portanto, aprenda esta sutil lição sobre dar: que custe pouco e se deseje muito, para que se aprecie mais.

256. Estar prevenido contra os grosseiros, os teimosos, os presunçosos e todos os tipos de tolos.

Existem muito deles, e a prudência está em evitá-los. Arme-se de propósitos diariamente ante o espelho de sua prudência e assim

vencerá os lances da tolice. Fique de sobreaviso e não exponha sua reputação em ocorrências vulgares. Aqueles que estiverem munidos de bom senso não são atacados pela impertinência. Acertar o rumo no trato humano é difícil, por estar cheio de escolhas protuberantes em que nossa reputação corre riscos. O mais seguro é alterar o curso, apelando para a astúcia de Ulisses. Eis que tem muito valor o descuido fingido. E, acima de tudo, valha-se de cortesia, o caminho mais curto para ficar longe das complicações.

257. Nunca chegar ao rompimento.

Ou sua reputação ficará arruinada. Todos dão bons inimigos, mas poucos são bons amigos. Poucos são capazes do bem, e quase todos do mal. No dia em que rompeu com o escaravelho, nem a águia se sentiu segura aninhada no peito de Júpiter. Ao romper, pela mão dos inimigos declarados, atizará a ira dos dissimulados, que aguardavam a oportunidade. Os amigos que ofendemos se tornam os nossos piores inimigos: nos atacam com seus próprios defeitos associados aos nossos. Os outros, aos nos ver romper com alguém, falam conforme o que sentem e sentem conforme o que desejam. Criticam a todos, quer no início da amizade, por falta de prudência, ou no fim, por ter esperado tanto tempo. Se for inevitável o rompimento, que seja desculpável: antes com a frieza de favores que com uma explosão violenta. É aqui que vem a calhar a máxima sobre retiradas elegantes.

258. Procurar quem ajude a suportar os infortúnios.

Nunca estará só, e muito menos em situação de risco, e não terá de suportar todo o ódio. Alguns querem assumir a supremacia, e tudo o que conseguem é carregar toda a crítica. Sendo assim,

tenha um companheiro que possa perdoá-lo ou ajudá-lo a suportar as adversidades. Nem a sorte, nem a vulgaridade se atrevem a atacar os dois. Os médicos, tendo errado na terapia, não erram em consultar alguém que possa ajudá-los a carregar o caixão. Partilham o peso e o pesar, pois agüentar o azar sozinho é duplamente insuportável.

259. Prevenir as injúrias e transformá-las em favores.

É mais sagaz evitar ofensas do que vingá-las. Requer grande habilidade transformar um possível rival num confidente. Aqueles que teriam atacado sua reputação convertem-se em defensores. Deixa pouco tempo para o agravo quem o preenche com agradecimentos. Transformar pesares em prazeres é saber viver. Transforme a própria malevolência em sua confidente.

260. Não ser totalmente dos outros, e não ter alguém totalmente seu.

Nem o sangue, nem a amizade e nem mesmo o mais forte senso de obrigação são suficientes; pois dar a alguém o afeto é muito diferente de dar-lhe a vontade. A união mais íntima admite exceção; nem por isso se ofendem as leis da cortesia. Um amigo guarda para si algum segredo e nem um filho revela tudo ao pai. De algumas coisas calamos com uns e falamos a outros e vice-versa, de modo que revelamos tudo e ocultamos tudo, mas para confidentes diferentes.

261. Não persistir na tolice.

Alguns insistem no erro e, porque começaram a errar, parecem perseverança seguir assim. No fundo, reconhecem seu erro, mas junto aos outros o defendem; se quando começaram com a tolice eram vistos como imprudentes, ao continuarem, são confirmados como tolos. Nem a promessa irrefletida nem a decisão equivocada devem nos obrigar ao erro. Algumas pessoas insistem na burrice inicial e prosseguem com a sua inépcia. Querem ser tolos fiéis.

262. Saber esquecer é mais um dom que arte.

Aquilo que mais deveríamos esquecer é o que lembramos com mais facilidade. A memória não é apenas traiçoeira e falha não socorrendo quando necessária, também é tola, acudindo quando não convém. É prolixa quando nos provoca dor, e desleixada quando pode nos dar prazer. Às vezes, o melhor remédio para o mal seria esquecê-lo, mas esquecemos o remédio. Convém pois instruir a memória a ter melhores hábitos, pois ela sozinha pode nos proporcionar o céu ou o inferno. Os satisfeitos excetuamos: em sua inocência tola, estão sempre felizes.

263. Muitas coisas agradáveis são melhores quando pertencem a outra pessoa.

Você as aproveita melhor dessa forma. No primeiro dia o prazer pertence ao possuidor; depois, aos outros. Quando as coisa pertencem aos outros, nós as gozamos em dobro: sem o risco de dano, e com o prazer da novidade. Qualquer coisa tem gosto melhor quando somos dela privados; até a água alheia parece néctar. Possuir coisas, além de diminuir proveito, aumenta o aborrecimento, tanto de ter de emprestá-las como não emprestá-las. Quando temos coisas, na verdade as mantemos para os outros,

e são mais os inimigos que exigem a permissão de usá-las que os agradecidos.

264. Não ter dias de descuido.

A sorte gosta de pregar peças, e não perderá a oportunidade de pegá-lo desprevenido. A inteligência, a prudência, o valor, até a beleza sempre são postos a prova, pois o dia em que afrouxar a atenção será o dia do descrédito. O cuidado sempre faz mais falta quando é mais necessário, e não pensar é a rasteira que nos derruba. A atenção alheia usa tal estratagema, pegando nossas qualidades em descuido para submetê-las a um rigoroso exame. Conhecendo os dias de ostentação, a astúcia os deixa passar. Mas o dia em que menos se espera é o escolhido para pôr à prova seu valor.

265. Saber empenhar os dependentes.

Um empurrão, no momento certo, transformou muitos em personalidades, assim como o risco de afogamento faz nadadores. Dessa forma muitos descobriram o quanto tinham de valor e quanto sabiam, caso contrário tudo isso teria continuado sepulto no seu acanhamento. São os apuros que são a oportunidade de ganhar fama, e uma pessoa nobre, quando deve fazer juz à honra, age mais do que mil. Esta lição, a exemplo de tantas outras, era de pleno domínio de Isabel, a rainha católica. O Grande Capitão deve seu renome a tal favor político, e muitos outros, à fama eterna. Esta sutileza fez grandes homens.

266. Não ser mau devido à excessiva bondade.

É o que acontece a quem nunca se zanga. Quem não sente nada não tem personalidade. Tal atitude não se deve só à insensibilidade, mas também a incapacidade. Sentir intensamente, quando as circunstâncias o exigem, é um ato de afirmação pessoal. Até os pássaros deboçam dos espantalhos. Alternar o amargo com o doce revela bom gosto: a doçura sozinha é para crianças e tolos. Constitui um grande mal perde-se por ser tão insensível mesmo sendo bom.

267. Palavras suaves, proferidas delicadamente.

As flechas trespassam o corpo: as más palavras, a alma. Uma boa guloseima dá bom hálito. Vender ar é uma habilidade sutil. A maioria das coisas paga-se com palavras, e elas sozinhas bastam para realizar o impossível. Negocia-se no ar com o ar, e a alento superior alenta muito. É preciso ter sempre a boca cheia de açúcar para confeitar as palavras que apeteçam até aos seus inimigos. A única forma de ser amável é ser manso.

268. Os prudentes fazem no início o que os tolos deixam para depois.

Ambos fazem o mesmo; a diferença está no momento. Os primeiro agem no momento oportuno, os últimos, não. Se já começou calçando o entendimento às avessas, você fará tudo o mais da mesma maneira: mate sob os pés aquilo que devia ter mantido na cabeça, trocando direita em esquerda, sendo canhestro em todo proceder. Existe apenas um modo de dar contas as coisas: o mais cedo possível. Caso contrário, fará obrigado o que poderia ter feito com prazer. O discreto logo vê o que tem de ser feito cedo ou tarde, e o faz com prazer, com proveito para sua reputação.

269. Tirar proveito da novidade.

Enquanto for novo, será estimado. A novidade agrada a todos devido à sua variedade e renova o gosto. Uma mediocridade nascente é mais estimada do que a sumidade habitual. As excelências sofrem o desgaste e acabam envelhecendo. Note porém que a glória da novidade dura pouco. Em quatro dias, perde-se lhe o respeito das primícias. Tire proveito da estima e agarre o que puder durante este fugaz agrado. Pois, passado o entusiasmo pela novidade, as paixões esfriam, e o prazer se transforma em enfado. E acredite: todas as coisas tiveram sua vez, e passaram.

270. Não ser o único a condenar o que agrada a muitos.

Algo bom deve ter uma vez que agrada a tantos. E, por menos que se entenda, se aprecia. A singularidade é sempre detestável quando errônea, ridícula. Seu conceito será desacreditado antes que o objeto; e permanecerá sozinho com seu mau gosto. Se não sabe como perceber o que há de bom nas coisas, disfarce sua inépcia, e não condene por alto; pois o mau gosto nasce geralmente da ignorância. O que todo mundo diz ou é ou quer ser.

271. Em qualquer profissão, se souber pouco, atenha-se ao mais seguro.

Ainda que não seja tido como inteligente, irão considerá-lo fundamentado. Aquele que conhece pode se expor a riscos e se entregar à fantasia, mas assumir riscos sem saber nada é querer cair no precipício. Mantenha a direita; o que é experimentado não pode falhar. Siga pela estrada principal quem não sabe o caminho;

em qualquer caso, tanto do saber como o do ignorar, é mais sensata a segurança do que excentricidade.

272. Vencer as coisas pelo preço da cortesia.

Fará os outros mais obrigados. O pedido do interessado nunca chegará até onde o generoso está disposto a conceder, mesmo que lhe deva obrigação. A cortesia não dá simplesmente, mais obriga à reciprocidade, e a galanteria é a maior obrigação. Para o homem de bem nada é mais caro do que aquilo que é dado de graça; é vencer duas vezes por dois preços: o valor em si e o da cortesia. Verdade é que, para quem é ruim, a galanteria é conversa vazia, pois eles não entendem a linguagem das boas maneiras.

273. Entender o caráter das pessoas com que tratamos.

Para lhes conceder as intenções. Quando bem conhecida a causa se conhece o efeito. O efeito nos revela o motivo. O melancólico augura sempre infortúnios e o maldizente, defeitos. Sempre pensar o pior, ignorar o bem presente e anunciam o mal possível. Quem é dominado pela paixão não fala as coisas como são na realidade: nela fala a paixão, não a razão. Cada um fala conforme seus afetos ou seu humor, e todos estão longe da verdade. Saiba decifrar um rosto e descobrir através das feições, da alma. Saiba que aquele que sempre ri é um tolo, e que aquele que nunca ri é um falso. Cuidado com o perguntador, seja por ser indiscreto, seja por ser crítico. Espere pouco dos que têm defeitos físicos, pois gostam de se vingar da natureza, por tê-los honrado tão pouco. Normalmente a tolice é proporcional a formosura.

274. Ser simpático, pois a atração é um feitiço politicamente cortês.

Que a arma da cortesia cativa a boa vontade dos outros, e também seus serviços. Não basta ter mérito se não nos valermos do agrado - eis o que se faz nascer aprovação que é o instrumento mais sutil para liderar os outros. Cair na boas graças é questão de sorte, mas pode ser promovido pelo artifício, que pega melhor quando estão presentes dons naturais. A simpatia leva à benevolência e, por fim, à graça universal.

275. Condescendente, mas não indecente.

Não se mostre sempre sério e enfadado: é uma questão de boas maneiras. Convém ceder um pouco no decoro para se ganhar a afeição geral. Às vezes, pode-se adotar o comportamento da maioria, mas faça-o sem perder a decência: aquele que é tomado por tolo em público não será tido por sábio em particular. Perde-se mais num dia de euforia do que se ganhou com anos de seriedade total. Não se deve ser sempre diferente, pois ser excêntrico é coordenar os outros. E não seja melindroso; deixe isso para as mulheres. Mesmo o melindre espiritual é ridículo. O melhor do homem é parecê-lo. As mulheres podem afetar o estilo varonil, mas os homens não devem efeminar-se.

276. Saber renovar o caráter com naturalidade e com arte.

A personalidade de uma pessoa muda a cada sete anos, dizem; que tal mudança aprimore e eleve seu gosto. Após os primeiros sete anos de vida, chegamos à idade da razão; daí em diante, que

seja uma nova perfeição a cada ciclo. Observe essa alteração natural e a promova, e espere que os outros se aprimorem também. Eis por que muitos mudaram seu comportamento, ou estado, ou ocupação; nem sempre se percebe de imediato até que se vê a flagrante diferença. Aos vinte anos de idade, você será um pavão; aos trinta, um leão; aos quarenta, um camelo; aos cinqüenta, uma serpente; aos sessenta, um cachorro; aos setenta, um macaco; e aos oitenta, nada.

277. Ostentar os talentos.

É fulgor das qualidades. Cada qual tem a sua vez: aproveite-a. Ninguém pode triunfar todos os dias. Há sujeitos bizarros nos quais o que é pouco brilha muito, e o que é muito brilha até causar admiração. Quando se têm eminência e talento para exibi-la, o resultado é o prodígio. Há nações que sabem ostentar, e os espanhóis o fazem com superioridade. Tão logo foi criado, surgiu a luz para dar-lhe fulgor. A ostentação satisfaz, supre o que está faltando e dá a tudo uma segunda existência, ainda mais quando é sustentada pela realidade. O céu, que confere as qualidades, nos incentiva a ostentá-las; uma coisa sem a outra seria destempero. Fazê-lo requer arte; até o mais excelente depende da circunstancia, que nem sempre é apropriada. A ostentação se sai mal se o momento não é oportuno. Nem devemos, tampouco, nos exhibir de modo afetado, pois a ostentação beira a futilidade, e a futilidade, o desprezo. Deve a ostentação ser mui moderada e não transformá-la em vulgaridade; e entre os sábios, a exibição em excesso está algo desacreditada. Com freqüência, envolve uma certa eloqüência muda, em um mostrar a perfeição como por descuido. O encobrimento discreto constitui o mais persuasivo alarde, pois a privação desperta a curiosidade. É grande destreza não revelar toda a perfeição de uma vez, mas fazê-lo aos poucos, sempre acrescentando um pouco mais. Que cada ocasião gloriosa seja a

premissa de outra maior, e que os aplausos concedidos à primeira aumentem a expectativa quanto às demais.

278. Fugir da notoriedade em tudo.

Quando os outros notam, até os talentos, os talentos se transformam em defeitos. Isso nasce da singularidade, que sempre foi censurada; o excêntrico sempre fica só. Mesmo a beleza, se sobressai, é demérito, e fazendo-se notar, ofende; ainda mais as singularidades desautorizadas. Até mesmo pelos seus vícios, alguns desejam ser conhecidos, buscando novas maneiras na ruindade para alcançar a fama. Mesmo no entendimento, o excesso degenera em bravata.

279. Não responder a quem contradiz.

Diferencia primeiramente se a origem é astúcia ou simplesmente vulgaridade. Nem sempre é teimosia; às vezes, é um ardil. Portanto, preste atenção e não se deixe pegar pela primeira, nem se desdenhar pela segunda. Nada exige mais cautela do que o trato com um espião, e, se tiver gazuza para mentes.... , a melhor defesa é deixar a chave da cautela pelo lado de dentro da fechadura.

280. Homem honrado.

A boa conduta acabou, as obrigações agora não são pagas, e poucos dão aos outros o tratamento que merecem, Os serviços melhores recebem a pior recompensa; é o costume no mundo todo. Existem nações inteiras inclinadas a proceder mal. De algumas, teme-se a traição; de outras, a inconstância, e de outras ainda o

logro. Repare na má retribuição, não para imitá-la, mas para se acautelar, pois poderá ter sua própria integridade arruinada de tanto ver o mau comportamento dos outros. Mas o homem honrado não se esquece de quem é em função do que os outros são.

281. Ganhar aprovação dos entendidos.

O túbio sim de uma pessoa excepcional vale mais do que o aplauso comum; os arrotos dos vilões não alentam. Os sábios falam com compreensão. E seu louvor traz satisfação imortal. O judicioso Antígono reduziu sua platéia a Zenão apenas, e Platão dizia ser Aristóteles toda a sua escola. Alguns querem só encher a barriga, ainda que com forragem vulgar. Até os soberanos precisam de quem escreva a seu respeito, e temem as penas mais do que os feios temem os pincéis.

282. Valer-se da ausência.

Quer para ganhar respeito, quer estima. A presença diminui a fama, a ausência a aumenta. O ausente tido por leão, quando presente se transforma num rato - ridículo parto da montanha, Os mimos perdem o brilho quando tocados: nota-se a rudeza exterior e não o âmago espiritual. A imaginação viaja mais longe do que a vista; o engano entra pelos ouvidos, e geralmente sai pelos olhos. Aquele que se recolhe em si, ao centro de sua opinião, preserva seu bom nome. Mesmo a fênix se vale da ausência para preservar a dignidade e transformar o desejo em apreço.

283. Ser inventivo, mas com bom senso.

A criatividade revela inteligência extrema, mas qual é o gênio que não tem um a pitada de loucura? As pessoas inventivas são engenhosas; aquelas que sabem escolher com sensatez, prudentes. A inventividade é também um dom, e muito raro, visto que muitos são bons em escolher, mas poucos são bons em inventar bem, e estes poucos foram os primeiros, na excelência e no tempo. A novidade é lisonjeira e, quando feliz, faz o que é bom brilhar duplamente. Em questões de discernimento a inventividade é perigosa, pois resvala no paradoxo; em questões de inteligência, é louvável, e , quando acertadas, as duas são dignas de aplauso.

284. Não seja intrometido.

E nunca será desrespeitado. Estime a si mesmo, se quiser ser estimado. Seja avaro de si mesmo, não prodígio. Chegue desejado e será bem recebido. Nunca venha a menos que chamado, nem vá a menos que enviado. Que se compromete por sua iniciativa, quando falha, atrai o ódio sobre si próprio e, saindo-se bem, não recebe nenhuma gratidão. O intrometido é objeto de desprezo; metido onde não deve, será rechaçado em confusão.

285. Não morrer devido a desgraça alheia.

Conheça quem está atolado no lodo e espere que o procure em busca de consolo mútuo. Procuram que os ajuda a carregar a cruz, e os miseráveis estendem os braços a quem um dia na prosperidade viraram as costas. Cuidado com alguém que se afoga. Não poderá salvá-lo sem perigo próprio.

286. Não se obrigar de todo, nem com todos. Pois significaria ser escravo, e de todos.

Alguns nascem mais afortunados do que outros; para praticar o bem enquanto os outros o recebem. A liberdade é mais preciosa do que a dádiva pela qual a perdemos. Melhor que muitos dependem de nós do que nós de um só que seja. A única vantagem do mando é poder-se fazer um bem maior. Acima de tudo, não tomar como favor uma obrigação em que se meteu. Na maior das vezes foi a sagacidade alheia que apresentou como tal.

287. Não agir movido pela paixão: fará tudo errado

Não agimos por nós mesmos quando fora de nós mesmos, e a paixão sempre desterra a razão. Encontre uma terceira parte prudente, que seja indiferente à paixão. Os espectadores sempre vêem mais do que jogam, pois não se apaixonam. Quando a prudência percebe estar alternada, é hora de bater em retirada; caso contrário, o sangue ferverá, e tudo será feito sangrando, e um breve acesso daria ensejo para muitos dias de vexame seu e maledicência alheia.

288. Viver de acordo com a ocasião.

Governar, argumentar e tudo o mais deve ser feito no momento oportuno. Queira quando pode, porque o tempo e a oportunidade não esperam ninguém. Não viva segundo as regras fixas, a menos que se trate de agir com virtude, e não peça ao desejo que siga leis precisas, pois amanhã terá de beber da água que desprezou hoje. Há alguns tão paradoxalmente exigem que as circunstâncias se adaptem às suas manias, ajudando-os a se sair bem, em vez do contrário. Mas os sensatos sabem que o rumo da prudência está em se portar de acordo com a ocasião.

289. O maior desdouro de um homem é dar mostras de que é humano.

Os outros param de vê-lo como divino no dia em que o vêem muito humano. A leviandade é o maior obstáculo à reputação. A pessoa recatada é tida como mais do que levianos são tidos como menos. Nenhum vício é mais desabonador, pois a leviandade se opõe totalmente à respeitabilidade. Um leviano não pode ter nenhuma substância, e ainda mais se for idoso, já que a idade obriga ao siso. E tal defeito, embora comum, pode levar a uma desgraça extraordinária.

290. É felicidade juntar apreço e afeto.

Para conservar o respeito, não seja amado demais. O amor é mais atrevido que o ódio. Afeição e veneração não combinam. Não seja nem muito temido, nem muito amado. O amor leva à intimidade e vai-se embora a estima. Seja amado com admiração em vez de afeição, pois assim é com os grandes homens.

291. Saber testar os outros.

Que a atenção do ajuizado ultrapasse a seriedade do recatado. Requer grandes poderes de discernimento avaliar o outro. É mais importante conhecer as qualidades e os caracteres das pessoas do que das pedras e ervas. Trata-se de uma das coisas mais sutis da vida. Os metais se reconhecem pelo som, e as pessoas, pela fala. As palavras revelam integridade, e as ações, ainda mais. Eis onde se aplica uma perspicácia extraordinária, observação profunda e capacidade crítica.

292. A capacidade natural deve exceder as exigências do trabalho, não o contrário.

Por mais importante que seja o posto, mostre que é maior. Um talento que possui reservas se expande e se torna mais visível a cada atividade. Aquele que tem o coração estreito facilmente atingido e no fim o peso das obrigações esmaga sua reputação. O grande Augusto se orgulhava de ser um homem melhor do que um príncipe. Aqui vale a grandeza de espírito e também uma sensata autoconfiança.

293. Maturidade.

Resplandece exteriormente no homem, mas ainda mais em seus costumes. O peso material torna precioso o ouro, e o peso moral valoriza uma pessoa; é decoro dos dotes, que acompanha os dons, causando veneração. A compostura é a fachada da alma. Não é inépcia tal tranqüilidade, conforme pesam os levianos, mas um calmo senso de autoridade. Fala por sentenças sábias e age com sucesso. Considera-se um homem feito quando tanto tem de personalidade quanto de maturidade. À medida que se deixa de ser criança, se começa a ser grave e autorizado.

294. Moderar suas opiniões.

Cada um forma as idéias de acordo com a sua conveniência e apresenta razões de sobra para defendê-las. Na maioria das pessoas, o juízo é vencido pela emoção. Acontece de dois oponentes se defrontarem, ambos presumindo estar certos. Mas a razão é fiel e nunca soube ter duas caras. Em questões delicadas assim, o sábio proceda com reflexão: sua própria dúvida amenizará

o juízo. De vez em quando, ponha-se do outro lado e, com cuidado, revise a própria opinião. Analise os motivos do ponto de vista do outro. Dessa forma, você nem o condenará, nem se justificará às cegas.

295. Não ser um fanfarrão, mas um realizador.

Os que mais ostentam ter são os que menos têm. Transformam tudo em mistério, e o fazem com a maior negligência: camaleões de aplausos, fazendo todos se rir deles. A vaidade sempre foi maçante, mas neste caso é ridícula. Andam mendigando façanhas as formiguinhas da honra. Afete o menos possível os dos próprios talentos. Conte-se em fazer; deixe os comentários para os outros. Dê suas façanhas, não as venda. E não alugue penas de ouro para que escrevam lodo, ofendendo o bom senso. Tente ser realmente grande em vez de apenas aparentá-lo.

296. Varão de talentos majestosos.

Grandes qualidades fazem pessoas de primeira grandeza. Uma qualidade excepcional supera a abundância de atributos medíocres. Alguém queria que todas as suas coisas fossem grandes, até mesmo os objetos domésticos; quanto mais, quem é grande, de procurar grandes dotes espirituais. Em Deus, tudo é infinito, imenso; e, portanto, num herói tudo deve ser grande e majestoso, de modo que suas ações e até suas palavras se apresentam revestidas de grandiosa majestade transcendente.

297. Comportar-se sempre como se fosse observado.

Um homem atento percebe que é ou será visto. Sabe que as paredes têm ouvidos e que o que é malfeito acaba por ser conhecido. Mesmo quando está só, comporta-se como estivesse à vista de todos, e sabe que tudo será conhecido. Considera agora como testemunhas aqueles que pela notícia o serão depois. Não se incomoda de ser observado até dentro e sua casa aquele que deseja que todos o notem.

298. Três coisas fazem um prodígio.

E estão no cume da suma liberdade: inteligência fecunda, discernimento profundo e um gosto agradável, jucundo. A imaginação constitui um dom notável raciocinar bem e entender o bem. Aprender bem o correto pensar é filho da racionalidade. A inteligência deve ser aguçada, não laboriosa; deve residir na cabeça, não na coluna vertebral. Quando se tem vinte anos, a vontade reina; aos trinta, a inteligência; aos quarenta, o discernimento. Certas cabeças irradiam luz, como os olhos do lince, e raciocinam melhor na escuridão profunda. Já outras, as instantâneas, sempre descobrem o que é mais oportuno para o momento. As soluções lhes ocorrem com frequência e bem: feliz intelecto fértil! No que concerne ao bom gosto, dá sabor à vida inteira.

299. Deixar com fome.

Deixe um resto do néctar nos lábios. O desejo é a medida de apreço. Assim como com a sede física, é de bom alvitre mitigá-lo, mas não saciá-lo. O bom, sendo pouco, é duplamente bom. A queda é grande da segunda vez. Todo excesso de agrado é perigoso: faz com que a superioridade mais eterna seja desdenhada. A regra única para agradar: aguça o apetite pela fome com que ficou. Se for

preciso que haja irritação, a impaciência do desejo será melhor do que o tédio da fruição; e a espera faz o prazer ser apreciado em dobro.

300. Em resumo, ser um santo; isso diz tudo.

A virtude é uma cadeia de todas as perfeições, o centro de toda a felicidade. Torna-o prudente, discreto, perspicaz, sensível, sensato, corajoso, cauteloso, honesto, feliz, louvável, verdadeiro... um herói universal. Três esses nos tornam bem aventurados: sábio, sadio, e santo. A virtude é o sol do mundo, e seu hemisfério é uma boa consciência. É tão encantadora que ganha a graça de Deus e dos homens. Não há nada tão amável quanto a virtude, nem tão detestável quanto o vício. A virtude só é autêntica; tudo o mais é imitação. Capacidade e grandeza se medem pela virtude, não pela sorte. Só a virtude basta a si mesma. Faz-nos amar os vivos e lembrar os mortos.

Table of Contents

1. Tudo alcança a perfeição, e tornar-se uma verdadeira pessoa constitui a maior perfeição de todas
2. Caráter e Inteligência
3. Manter o suspense
4. Conhecimento e coragem se alternam na grandeza
5. Criar dependência
6. Alcançar a perfeição
7. Não eclipsar o padrão
8. Não ceder a paixões: a qualidade espiritual mais elevada.
9. Desmentir os defeitos de seu país.
10. Fama e fortuna
11. Associar-se àqueles com quem pode aprender
12. Natureza e arte, matéria e obra
13. Agir com intenções: seja segunda ou primeira
14. Realidade e também modos.
15. Cercar-se de auxiliares competentes.
16. Conhecimento e intenções nobres.
17. Variar o modo de agir.
18. Esforço e talento.
19. Não despertar expectativas.
20. Nascer na época certa.
21. Regra para ter sorte.
22. Manter-se bem informado.
23. Não ter nenhuma imperfeição.
24. Temperar a imaginação.
25. O bom entendedor.
26. Descobrir o ponto fraco de cada um.
27. Melhor ser intensivo que extensivo.
28. Não ser vulgar em nada.
29. Integridade e firmeza.
30. Não se dedicar a coisas sem reputação.
31. Conhecer os afortunados a fim de escolhê-los, e os desafortunados a fim de evitá-los.

32. Torna-se conhecido por agradecer aos outros
33. Saber esquivar-se.
34. Conhecer seu principal atributo.
35. Considerar as questões com cuidado.
36. Avaliar sorte.
37. Identificar e saber usar a insinuação.
38. Deixar o jogo enquanto estiver ganhando.
39. Saber reconhecer o ponto de maturação no tempo certo e tirar proveito disso.
40. Ter a simpatia dos outros.
41. Nunca exagerar.
42. Autoridade nata.
43. Sentir como poucos e falar como muitos.
44. Tratar com simpatia os grandes homens.
45. Usa, mas não abusar das intenções ocultas.
46. Moderar a antipatia.
47. Não se envolver em complicações.
48. Está mais próximo de se tornar uma verdadeira pessoa aquele que tem profundidade.
49. Homem criterioso e observador.
50. Nunca perder o respeito de si mesmo.
51. Saber escolher.
52. Nunca perder o controle.
53. Diligência e inteligência.
54. Ousar com prudência.
55. Saber esperar.
56. Ter bons repentinos.
57. Ponderação traz segurança.
58. Saber dosar.
59. Concluir bem.
60. Bom senso.
61. Superioridade no que é mais importante.
62. Usar os melhores instrumentos.
63. A vantagem de ser o primeiro.
64. Evitar os dissabores.
65. Gosto elevado.

66. Atenção para que as coisas saiam bem.
67. Preferir ocupações louváveis.
68. Fazer os outros entender.
69. Não ceder a um capricho vulgar.
70. Saber dizer não.
71. Não ser contraditório, nem por temperamento, nem por afetação.
72. Ser decidido.
73. Saber quando ser evasivo.
74. Não ser intratável.
75. Escolher um modelo heróico.
76. Não brincar o tempo todo.
77. Saber se adaptar.
78. Habilidade no testar.
79. Caráter jovial.
80. Atenção ao se informar.
81. Renovar seu esplendor.
82. Nem tudo mau, nem tudo bom.
83. Permitir-se algum deslize.
84. Saber usar amigos.
85. Não ser o curinga.
86. Prevenir-se dos boatos.
87. Cultura e esmero.
88. Maneiras grandiosas.
89. Compreensão de si mesmo.
90. A arte de viver muito.
91. Nunca agir com imprudência.
92. Prudência transcendente.
93. Um homem completo.
94. Dons inescrutáveis.
95. Manter as expectativas.
96. Da grande sindérese.
97. Construir uma reputação e preservá-la.
98. Cifrar as intenções.
99. Realidade e aparência.

100. Homem sem ilusões, cristão e sábio, filósofo refinado; mas não demonstrar
101. Metade do mundo ri, da outra metade, e ambas são tolas.
102. Ter estômago para grandes bocados de sorte.
103. A cada um a dignidade que lhe convém.
104. Ter uma boa noção do que cada trabalho exige.
105. Não ser maçante.
106. Não exibir o sucesso.
107. Não mostrar satisfação consigo próprio.
108. Atalho para tornar-se uma verdadeira pessoa.
109. Não censurar os outros.
110. Não esperar o sol se pôr.
111. Ter amigos.
112. Ganhar a boa vontade dos outros.
113. Precaver-se contra a adversidade enquanto se está com sorte.
114. Nunca competir.
115. Acostumar-se aos defeitos de amigos.
116. Relacionar-se com pessoas de bem.
117. Não falar sobre si mesmo.
118. Ter fama de cortês.
119. Não se tornar malquisto.
120. Viver de maneira prática.
121. Não fazer tempestade em copo d' água.
122. Maestria nas palavras e nos atos.
123. Não ser afetado.
124. Fazer-se desejado.
125. Não ser um compêndio dos defeitos alheios.
126. Tolo não é aquele que faz uma tolice, mas aquele que não sabe disfarçá-la.
127. Naturalidade e graça.
128. Grandeza de alma.
129. Nunca se queixar.
130. Fazer, mas também parecer.
131. Fidalguia de caráter.
132. Reconsiderar.

133. Antes ser louco acompanhado de muitos do que sensato sozinho.
134. Duplicar sua provisão de requisitos da vida.
135. Não ter o espírito da contradição.
136. Ir ao âmago das questões.
137. O sábio se basta a si mesmo.
138. Não se intrometer.
139. Conhecer os dias aziagos.
140. Descobrir logo o que é bom.
141. Não escutar a si mesmo.
142. Nunca, por teimosia, tomar o pior partido.
143. Não ser paradoxal só para fingir do vulgar.
144. Entrar concedendo e sair vencendo.
145. Não expor o dedo machucado.
146. Ver o íntimo.
147. Não ser inacessível.
148. Possuir arte da conversação.
149. Deixar outro levar o golpe.
150. Saber vender suas coisas.
151. Pensar antecipadamente.
152. Não cultivar a companhia daqueles que o farão parecer menos dotado.
153. Fugir das lacunas deixadas por alguém.
154. Não ter pressa para acreditar, nem para querer.
155. Habilidade em dominar os diferentes tipos de paixão.
156. Selecionar os amigos.
157. Não se enganar com as pessoas.
158. Saber usar os amigos.
159. Saber tolerar os tolos.
160. Falar com prudência.
161. Conhecer os próprios defeitos que nos são caros.
162. Vencer a inveja e a malevolência.
163. Não se tornar infeliz por compaixão aos infelizes.
164. Deixar alguma coisa no ar.
165. Fazer uma guerra limpa.
166. Distinguir o homem de palavras de ações.

167. Ser autoconfiante.
168. Não se torne um monstro de insensatez.
169. Melhor evitar errar uma vez do que acertar cem vezes.
170. Ter reserva em todas as coisas.
171. Não desperdiçar os favores.
172. Nunca competir com alguém que não tem nada a perder.
173. Não ser de vidro no trato.
174. Não viver às pressas.
175. Homem de peso.
176. Saber ouvir, ou ouvir alguém que sabe.
177. Não se tornar íntimo demais dos outros.
178. Confiar no coração, principalmente se ele for forte.
179. O sigilo é o selo do talento.
180. Nunca se orientar pelo que seu inimigo deveria fazer.
181. Sem mentir, contar toda a verdade
182. É prudente mostrar um pouco de audácia.
183. Não insistir.
184. Não fazer cerimônias.
185. Não arriscar a reputação num único lance desfavorável.
186. Saber reconhecer os defeitos.
187. Fazer aquilo que for favorável, deixar para os outros o que for odioso.
188. Descobrir algo para elogiar.
189. Tirar proveito das privações alheias.
190. Achar consolo em tudo.
191. Não aceitar cortesia como pagamento.
192. O pacato tem vinda longa.
193. Cuidado com quem entra com a causa alheia para sair com a sua.
194. Ser realista quanto a si e quanto aos próprios interesses.
195. Saber apreciar.
196. Conhecer a sua estrela- guia.
197. Nunca tropece em tolos.
198. Saber mudar.
199. Cautela ao tentar granjear estima.
200. Ter algo a desejar.

201. Tolos são todos os que parecem tolos e metade daqueles que não parecem.
202. Palavras e feitos fazem um homem perfeito.
203. Conhecer as eminências de sua época.
204. Tratar o fácil como se fosse difícil, e o difícil como se fosse fácil.
205. Aprender a usar o desprezo.
206. Saber que existe gente vulgar em toda parte.
207. Usar o autocontrole.
208. Não morrer de ataque de idiotice.
209. Livrar-se das tolices comuns.
210. Saiba usar a verdade.
211. No céu tudo é alegria.
212. Nunca revelar os estratagemas finais de sua arte.
213. Saber contradizer.
214. Não transformar uma tolice em duas.
215. Prestar atenção a quem chega com segundas intenções.
216. Expressar-se com clareza: não apenas com desembaraço, mas com lucidez.
217. Não amar nem odiar para sempre.
218. Nunca agir por teimosia, apenas por reflexão.
219. Não se tornar conhecido pelo artifício.
220. Não podendo vestir a pele do leão, vista a da raposa.
221. Não ser provocador.
222. Homem comedido, sinal de prudência.
223. Não ser excêntrico.
224. Saber como levar as coisas.
225. Conhecer o principal defeito.
226. Cuidar para garantir o comprometimento.
227. Não ceder à primeira impressão.
228. Não ter a voz da maledicência.
229. Saber organizar a vida com bom senso.
230. Abrir os olhos a tempo.
231. Nunca mostrar aos outros coisas inacabadas.
232. Ter um pouco de comerciante.
233. Não confundir o gosto dos outros.

234. Não confiar a própria reputação sem penhorar a honra alheia.
235. Saber pedir.
236. Transformar prêmios em favores.
237. Nunca partilhar segredos com superiores.
238. Saber a peça que lhe falta.
239. Não ser perspicaz demais.
240. Saber fazer-se de tolo.
241. Permitir caçadas, mas não caçar dos outros.
242. Completar as vitórias.
243. Não ser totalmente columbino.
244. Tornar os outros devedores.
245. Argumentar às vezes de maneira original.
246. Não dar satisfação a quem não pediu.
247. Saber um pouco mais, viver um pouco menos.
248. Não ficar obcecado pelo último.
249. Não começar a viver por onde se deve acabar.
250. Quando argumentar às avessas?
251. Usar meios humanos como se os divinos não existissem, e os meios divinos como se não existisse nenhum humano.
252. Não viver totalmente para si nem totalmente para os outros.
253. Não se fazer entender facilmente.
254. Não desprezar um mal por ser pequeno.
255. Saber fazer o bem.
256. Estar prevenido contra os grosseiros, os teimosos, os presunçosos e todos os tipos de tolos.
257. Nunca chegar ao rompimento.
258. Procurar quem ajude a suportar os infortúnios.
259. Prevenir as injúrias e transformá-las em favores.
260. Não ser totalmente dos outros, e não ter alguém totalmente seu.
261. Não persistir na tolice.
262. Saber esquecer é mais um dom que arte.
263. Muitas coisas agradáveis são melhores quando pertencem a outra pessoa.
264. Não ter dias de descuido.
265. Saber empenhar os dependentes.

266. Não ser mau devido à excessiva bondade.
267. Palavras suaves, proferidas delicadamente.
268. Os prudentes fazem no início o que os tolos deixam para depois.
269. Tirar proveito da novidade.
270. Não ser o único a condenar o que agrada a muitos.
271. Em qualquer profissão, se souber pouco, atenha-se ao mais seguro.
272. Vencer as coisas pelo preço da cortesia.
273. Entender o caráter das pessoas com que tratamos.
274. Ser simpático, pois a atração é um feitiço politicamente cortês.
275. Condescendente, mas não indecente.
276. Saber renovar o caráter com naturalidade e com arte.
277. Ostentar os talentos.
278. Fugir da notoriedade em tudo.
279. Não responder a quem contradiz.
280. Homem honrado.
281. Ganhar aprovação dos entendidos.
282. Valer-se da ausência.
283. Ser inventivo, mas com bom senso.
284. Não seja intrometido.
285. Não morrer devido a desgraça alheia.
286. Não se obrigar de todo, nem com todos. Pois significaria ser escravo, e de todos.
287. Não agir movido pela paixão: fará tudo errado
288. Viver de acordo com a ocasião.
289. O maior desdouro de um homem é dar mostras de que é humano.
290. É felicidade juntar apreço e afeto.
291. Saber testar os outros.
292. A capacidade natural deve exceder as exigências do trabalho, não o contrário.
293. Maturidade.
294. Moderar suas opiniões.
295. Não ser um fanfarrão, mas um realizador.
296. Varão de talentos majestosos.

297. Comportar-se sempre como se fosse observado.

298. Três coisas fazem um prodígio.

299. Deixar com fome.

300. Em resumo, ser um santo; isso diz tudo.